

**FILHAS DE S. MARIA DA PROVIDÊNCIA  
SERVOS DA CARIDADE  
COOPERADORES GUANELLIANOS**

**DOCUMENTO  
BASE PARA  
PROJETOS  
EDUCATIVOS  
GUANELLIANOS**

**APRESENTAÇÃO**

*O desejo crescente de fidelidade ao Fundador e a convicta adesão a tornar-se instrumentos eficazes da Nova Evangelização, neste último decênio, estimularam os Guanellianos a relerem, com uma aproximação séria e documentada, seu pa-*

*trimônio educativo.*

*A iniciativa, que começou em setembro de 1986 e que foi levada adiante com um amplo intercâmbio de reflexões, que envolveu todos os componentes da Família guanelliana, religiosas, religiosos e leigos, desde os vértices até os operadores setoriais, propunha-se, como finalidade geral, proceder a uma corajosa obra de revisão, de re-interpretação, de atualização e de aprofundamento da experiência educativa do Pe. Luís Guanella, cientes da perene validade de suas opções fundamentais, e, ao mesmo tempo, da inevitável historicidade de suas expressões.*

*Em particular, a pesquisa devia responder também a uma necessidade concreta de oferecer aos educadores um marco de referência, uma síntese dos aspectos característicos da ação educativa guanelliana (inspiração, conteúdos, estilo, campos de ação, ambientes e estruturas típicas...), e facilitar assim a redação de «projetos educativos locais», nos quais as intuições essenciais deveriam ser conjugadas com as necessidades das diversas categorias de assistidos e com a fisionomia dos numerosos centros educativos, distintos segundo as tarefas, a situação geográfica e a cultura.*

*O fruto desta ampla pesquisa é agora entregue à estas páginas, que são dedicadas principalmente a quem trabalha seguindo o sulco da missão guanelliana, mas também àqueles que querem projetar a educação em estilo guanelliano.*

*Se não nos detemos na terminologia, a ideia de um marco educativo de referência, para os Guanellianos, vem de longe. Não é exagerado dizer que atravessa toda sua história, já centenária.*

*Pe. Luís Guanella o possui, desde o início de seu mandato de Fundador. Ele o herdou do Pe. João Bosco, caracterizando-o, porém, bem cedo com elementos próprios, impelido por situações e instituições em grande parte distintas. À semelhança do Santo de Turim, o chama «sistema preventivo» e o considera núcleo central, princípio unificador e alma de sua atividade educativa.*

*Durante os quase quarenta anos que dedicou à sua obra, esforça-se em aplicá-lo e em fazê-lo aplicar com diligência. Sabe adaptá-lo e o faz com riqueza de esquemas e de programas que pontualmente registra em seus Regulamentos.*

*Depois, insistentemente, ele exorta os seus seguidores a não negligenciar seu estudo e aprofundamento, como resposta aos novos tempos, às*

*novas descobertas pedagógicas e às necessidades emergentes. Exatamente há 90 anos atrás, escreveu: «A educação... é um tema delicadíssimo e ao qual, infelizmente, se dá pouca atenção. Um livrinho que contivesse o método e um desenvolvimento cuidadoso do sistema preventivo... seria um tesouro para o Instituto, portador de grande bem».*

*Depois do Fundador, será Pe. Leonardo Mazzucchi, o segundo sucessor, a manter viva a atenção sobre o tema. Voz qualificada da tradição, é impelido a isso pelo motivo de não perder de vista a preciosa herança recebida. Mas, não lhe são estranhas outras preocupações: a Congregação está se desenvolvendo e é inevitável o contato com situações culturais, sociais e religiosas novas e diferentes. Isso torna ainda mais necessária a presença de um ponto comum de referência, escrito, teorizado, para evitar o risco de perder a própria identidade e o vínculo vital da unidade, inclusive do ponto de vista educativo.*

*Ciente de que esta necessidade teria tido maior peso no futuro próximo da Congregação, a menos de 10 anos da sua morte, tenta, no Ensaio de Regulamento disciplinar, dar ao tema uma redação orgânica. A formulação não é científica,*

*mas tem o mérito de ser a visão educativa e pastoral mais completa que os Guanellianos tiveram até o presente.*

*Agora, com o Documento base para projetos educativos guanellianos dá-se um passo adiante. A síntese que é oferecida é fundamentada sobre as motivações apenas acenadas e provenientes da voz do Fundador e da tradição. Em todo caso, poderá notar-se como ela ganhou em profundidade de perspectiva graças ao esforço de pesquisa e de atualização.*

*É constante no Documento a referência à condição dos destinatários e ao ambiente em que vivem. Serve para salientar o tipo de pedido que deles provém, especialmente se estão em sintonia com o Evangelho: necessidade de verdade, de libertação, de crescimento humano, desejo, ainda que implícito, de conhecimento do mistério de Deus.*

*O «sistema preventivo» é o coração do Documento, e, por isso, está presente não como experiência fechada, rígida, mas como força que inspira a maneira de conceber a educação, a relação educativa, as pessoas e a ação dos educadores, e o próprio educando, que é ajudado a usar suas potencialidades ocultas para autoconstruir-*

*se como ser humano.*

*Os recursos provenientes das ciências da educação e, particularmente, as indicações pastorais que a Igreja vai amadurecendo ao longo dos tempos, constituem parte viva e inovadora do Documento.*

*O Documento sente a influência do momento histórico no qual somos chamados a trabalhar, já há mais de uma década, definido como tempo de Nova Evangelização. Embora sejam atividades distintas em sua ordem, evangelizar e educar são apresentadas no texto com um vínculo estreitíssimo entre si. A educação torna real a evangelização, quando é salvação integral de todo o homem, por isso é resgate dos múltiplos condicionamentos de pobreza e de abandono, de servilismo social e cultural, libertação do pecado e crescimento em Cristo até alcançar a santidade. Por sua vez, os educadores tornam-se evangelizadores, encarnam um amor que se doa gratuitamente, inspirando-se na caridade de Deus, que com a sua Providência previne toda criatura, a acompanha com sua presença e a salva doando a vida.*

*Não se pode deixar de assinalar, enfim, a confiança ilimitada que o Documento deposita no trabalho educativo em geral e naquele preventivo*

*em particular, que se revelou, na tradição cristã, como uma das melhores expressões do preceito evangélico da caridade.*

*Com estes elementos de incontestada atualidade e eficácia, a presente publicação, além de ser um precioso instrumento de trabalho, adquire valor de uma mensagem que quer suscitar esperança e sustentar a fadiga, que se tornou hoje ainda mais pesada pela inércia e pelo conformismo cultural que contagia também o campo educativo.*

*Assim o seja para a Família guanelliana, à qual estas páginas pedem uma colaboração vital e criativa, estimulada pela «paixão» humana e cristã pelos pobres. Seja-o para todos os que, e fazemos votos que sejam muitos, desejarão entrar nesta «aventura», rigorosamente fundamentada sobre a harmonia evangélica entre criação e redenção, entre natureza e graça, onde todo homem descobre o sentido pleno da vida.*

Pe. NINO MINETTI  
*Superior Geral  
Servos da Caridade*

# INTRODUÇÃO

## SENTIDO E VALOR DO DOCUMENTO

### 1. Natureza

O presente documento expõe o sistema educativo, no dúplice aspecto de teoria e prática, que a “Obra don Guanella” pretende seguir em sua múltipla atividade caritativa para a promoção integral das pessoas e dos povos, em particular de quem é provado pela pobreza material e moral.

Tal sistema é construído sobre os valores cristãos da vida e da pessoa humana, assim como foram percebidos e vividos, em força de um carisma especial, pelo Pe. Luís Guanella e depois pelos seus discípulos durante o percurso de cem anos de história.

O documento não é um tratado pedagógico e nem um manual de coisas práticas que se devem atuar para garantir sucesso à ação educativa.

Apresenta, ao invés, de modo orgânico, aqueles valores pedagógicos que derivam do carisma guanelliano e devem permear tanto as relações interpessoais, como a atividade propriamente educativa, reabilitadora, assistencial e pastoral e

os respectivos caminhos, tanto em nível de projeto como de realização.

Indica, portanto, os elementos essenciais da pedagogia guanelliana, que conferem uma específica fisionomia ao nosso modo de fazer promoção integral e de viver a comunicação humana; como tais, eles são uma realidade que, na mudança das situações sócio-culturais, mantém toda sua força vital, e é capaz de impregnar de espírito guanelliano as relações entre as pessoas, a ação dos indivíduos e das comunidades.

Visto que contém o patrimônio pedagógico guanelliano, o documento assume o caráter de carta constitucional para toda a atividade desenvolvida pela “Obra don Guanella”.

Conseqüentemente, o termo educativo não se refere só aos vários aspectos da educação dos sujeitos em idade evolutiva, mas também a todos os outros campos do serviço caritativo-promocional da missão guanelliana, isto é, aqueles da reabilitação, da assistência e da pastoral.

## **2. Fontes**

Este documento haure sua inspiração e conteúdo antes de tudo da Palavra de Deus, lida com aqueles olhos e aquele coração guanellianos que

o Espírito nos doou; com efeito, nela chegamos a conhecer as intenções de Deus a respeito da pessoa humana e a respeito do mundo e a sua obra educativa no decorrer da história da salvação.

A segunda fonte é o Magistério da Igreja, que, como intérprete autêntica da Palavra de Deus, indica aos homens, na mudança dos tempos e das culturas, os valores perenes da dignidade humana e os caminhos seguros para a promoção integral das pessoas e dos povos.

O pensamento e a vida do nosso Fundador, juntamente com a tradição e a atual experiência guanelliana, constituem uma outra fonte importante deste documento, enquanto contêm os valores típicos do nosso sistema educativo.

Também as pessoas provadas pelo sofrimento físico e moral, em sua situação existencial, nos oferecem indicações preciosas a respeito do que verdadeiramente conta para o ser humano, do que favorece ou obstaculiza seu crescimento integral.

O documento leva em conta também às ciências humanas, porque ajudam a entender a pessoa, a vida e a história em sua realidade mais profunda e em seus processos de desenvolvimento.

### **3. Valor e validade**

Pela sua natureza o documento é a principal fonte de inspiração para todos os projetos e os programas educativos da Família guanelliana e de todos aqueles que se inspiram no carisma do Pe. Luís Guanella.

Ele é guia e ponto de referência para a elaboração e a avaliação dos projetos e programas educativos guanellianos, tanto em nível mundial, como em nível de uma específica área cultural e geográfica ou de um determinado centro operativo.

A aprovação por parte das competentes autoridades o reconhecem como um caminho de fidelidade ao Fundador e uma resposta aos apelos da Igreja e às expectativas dos homens e das mulheres de boa vontade em relação à promoção das pessoas e dos povos.

Todavia, o documento não tem a pretensão de ser completo e perfeito; permanece aberto para acolher as contribuições das ciências humanas e a riqueza de idéias e valores que virão, tanto da ulterior pesquisa sobre o carisma guanelliano e sobre seus aspectos pedagógicos, como das diversas experiências de inculturação do mesmo carisma nas diferentes culturas.

#### **4. Destinatários**

O documento destina-se antes de tudo aos membros da Família guanelliana: os Servos da Caridade, as Filhas de Santa Maria da Providência, os Cooperadores e as Cooperadoras.

Chamados a compartilhar, com modalidades diversas, o carisma do Pe. Luís Guanella, devem empenhar-se em traduzi-lo cotidianamente em estilo de vida, em práxis e método educativos.

É dirigido também a toda comunidade educativa guanelliana e a todos os seus membros: as pessoas confiadas ao nosso serviço educativo e pastoral e suas famílias, os trabalhadores por contrato de trabalho ou por escolha de voluntariado, e todas as pessoas que colaboram de perto e de modo contínuo com a atividade dos nossos centros operativos.

O documento constitui para todos estes um quadro de valores que deve ser aceito, respeitado e atuado segundo as tarefas e os deveres de cada um.

Além disso, o documento é dirigido a todos os que pretendem inspirar-se, de várias maneiras, no carisma guanelliano, no estilo de vida e de educação, e a todos os que colaboram em diversas for-

mas com os nossos projetos de bem, como, por exemplo, os amigos, os ex-alunos, os voluntários e os benfeitores.

Enfim, é proposto para quem, em busca de eficazes itinerários educativos, descobre na pedagogia guanelliana intuições e métodos ainda hoje válidos.

g.p.

**DOCUMENTO BASE  
PARA PROJETOS EDUCATIVOS  
GUANELLIANOS**

*Premissa*

**1. Somos Igreja que trabalha para a promoção dos pobres e de uma sociedade mais solidária e fraterna.**

Nosso compromisso educativo tem sua razão mais profunda de ser numa chamada de Deus, que nos elege como pedras vivas da sua Igreja, nos faz participantes do carisma do Pe. Luís Guanella, nosso Fundador, e nos envia, como seu povo, a dedicar-nos à plena promoção dos pobres e a difundir a caridade.

Nossa atividade insere-se na missão da Igreja, que foi constituída e enviada por Cristo para continuar na história sua obra de evangelizar os pobres e reunir os filhos de Deus que estavam dispersos.

À exemplo de Maria, Mãe da Providência, com o nosso projeto de caridade, testemunhamos o amor misericordioso do Pai e rerepresentamos visivelmente Jesus, que passou curando os doen-

tes e fazendo o bem a todos e deu sua vida para reconciliar os homens com Deus e entre si.

Nosso serviço educativo é, portanto, caminho de evangelização e é nossa contribuição específica para a missão da Igreja.

Por isso pretendemos agir em nome da Igreja e em união com ela, como seus membros vivos, colocar nossa atividade à serviço da evangelização e, ao mesmo tempo, encontrar no Evangelho o melhor caminho para a promoção das pessoas e dos povos.

## **2. Com um específico sistema de vida e de educação**

Ao cumprir nossa missão caritativa e, ao mesmo tempo, evangelizadora, queremos seguir as pegadas de nosso Fundador e encarnar nos dias de hoje seu sistema preventivo de educação.

Pe. Luís Guanella viveu com os pobres, os serviu e os educou com um seu estilo próprio, que hauriu sobretudo da percepção evangélica de Deus Pai providente, de sua experiência humana e do contato pessoal com a marginalização.

Referindo-se à pedagogia católica de seu tempo e ao Pe. João Bosco, denominou este estilo

“sistema preventivo”. Com este nome, mediante seu exemplo e seus escritos, no-lo transmitiu e no-lo entregou, para que o mantivéssemos no coração e na mente e o praticássemos com todos, em toda circunstância e sempre.

Este não é somente um método de promoção das pessoas, mas é antes de tudo proposta evangélica de um modo concreto de viver e de relacionar-se com Deus e com os outros, para dar profundidade de sentido à existência cotidiana e caminhar com esperança para aquela plenitude de vida à qual são chamados os indivíduos e a sociedade.

Querendo quase no-lo descrever em síntese, o Fundador no-lo apresenta com estas expressões cheias de significado e de força profética:

“É aquele método de caridade, de uso, de conveniência, graças ao qual os superiores circundam com afeto os próprios dependentes e os irmãos circundam de solicitude os próprios irmãos para que, nos trabalhos da jornada, a ninguém sobrevenha algum mal e, no caminho da vida, todos cheguem a uma meta feliz. Este é o sistema de vida que mais se aproxima ao exemplo de vida cristã da Sagrada Família”.

## **Primeira Parte**

# **FONTES DE INSPIRAÇÃO**

### *Capítulo primeiro*

#### **PRINCÍPIOS ANTROPOLÓGICOS**

### **3. Dignidade da pessoa humana**

À luz da revelação cristã, todo ser humano é feito à imagem e semelhança de Deus, Uno e Trino, pelo qual é criado e para o qual é intrinsecamente orientado.

Aqui está o fundamento e a razão mais sublime da dignidade que o ser humano possui desde o momento de sua concepção, a prescindir dos condicionamentos pessoais e sociais que podem impedir-lhe de exercer suas capacidades.

Por esta sua semelhança com Deus, ele é pessoa, indivíduo único e irrepetível, capaz de amor e constituído essencialmente em relação com os outros, Deus - homens - coisas, dotado de faculdades intelectivas e volitivas.

Pela sua íntima natureza o ser humano é um ser social, que existe como grupo e como povo, já que Deus desde o início os criou homem e mulher, de modo que sua união é a primeira forma

de comunhão de pessoas.

Constituído por Deus em um estado de justiça, ele, com o pecado, perdeu sua amizade e tornou-se miserável e infeliz, frágil no corpo e no espírito, vítima do mal e da morte.

Por meio de Jesus Cristo, porém, recebe a graça extraordinária de tornar-se filho adotivo de Deus, a força de superar o mal e a capacidade de construir relações fraternas com os outros e de caminhar junto com eles para o Pai.

Criada e redimida em Cristo, toda a pessoa humana, portanto, em seus constitutivos fundamentais, possui um caráter de sacralidade; sagrada é a alma e sagrado é também o corpo.

Por esta dignidade, toda pessoa, independentemente de qualquer limite do qual esteja acometida, é digna de imenso respeito e é capaz de aperfeiçoamento. Da mesma forma, toda vida humana, mesmo a mais marcada pela doença ou por qualquer forma de pobreza, é valiosa e preciosa.

#### **4. Suas necessidades e sua vocação**

A pessoa humana leva em si necessidades fundamentais, que estão na origem de todas as outras

e cuja satisfação é a mola propulsora do agir humano.

Dotada de razão e de liberdade, ela sente a necessidade de entender a si mesma e a realidade que a circunda, como também de conseguir livremente o próprio desenvolvimento e encontrar os meios necessários para alcançar esta finalidade.

Aberta aos outros por sua própria natureza, sente a necessidade de comunicar-se com eles, dar e receber atenção, estima e amor, ser membro ativo de uma família e de uma comunidade.

Sua necessidade suprema, que compendia e explica todas as outras, é o desejo inato de relacionar-se com Deus, segundo a experiência de Santo Agostinho: “Senhor, nos fizeste para ti, e o nosso coração não tem paz até que não repousa em ti”.

Através da leitura experiencial destas necessidades, a pessoa humana pode conhecer, ainda que de modo indireto, o próprio destino; mas, é em Jesus Cristo, homem novo e perfeito, que ela pode descobrir plenamente sua vocação e encontrar o caminho para levá-la a cumprimento.

Em Jesus, a pessoa descobre que, sendo feita à imagem de Deus que é comunhão, é chamada a

tender à perfeição de si no amor, a viver no meio dos outros com espírito de irmão e de irmã e a formar com eles uma só família.

Em Jesus descobre também que sua orientação inata para o Absoluto é uma vocação a participar, em qualidade de filho, à vida íntima de Deus e à sua felicidade na vida futura, junto com todos os outros, como um único povo.

## **5. Seu lugar e sua tarefa no mundo e na história**

A pessoa foi colocada no vértice de todas as criaturas, para governá-las e servir-se delas para a glória de Deus e para o próprio crescimento.

Ela recebeu do Criador o mundo como uma casa onde todos devem encontrar os recursos necessários para uma vida digna e poder gozar e partilhar a alegria da amizade com os outros.

Mas o mundo, ainda que tenha sido libertado em Cristo da escravidão do pecado, ainda agora está ameaçado por uma cultura de morte, e sofre graves males e desequilíbrios, que pesam sobretudo sobre os mais fracos, até tornar desumanas as suas condições de vida.

Deus, porém, em seu amor de Pai providente,

através da história, conduz a humanidade para a salvação; pede, contudo, a colaboração de todos os seus filhos.

Chama por isso as pessoas e os povos a transformarem o mundo com a caridade, para que a paz e a fraternidade possam germinar e crescer até o advento de novos céus e de uma nova terra.

Os pobres têm um lugar importante na atuação desta tarefa. Com efeito, precisamente deles vêm os estímulos mais fortes e brotam grandes recursos morais e espirituais para um mundo, segundo os planos de Deus. E, mesmo as pessoas mais limitadas no plano psicofísico, oferecem para a história humana uma contribuição significativa de experiência e de amor.

Por isso nós cremos que, junto com os pobres, é preciso percorrer o caminho rumo a um mundo mais solidário e fraterno, iniciando-o com a escuta de suas expectativas e tendo em conta seus recursos.

## **6. Dignidade e missão do pobre**

A nossa missão nos põe a serviço de pessoas que, como indivíduos, como grupo social ou povo, vivem em situação de pobreza física, mate-

rial e moral, de marginalização e de opressão.

Mesmo se carregam em si sinais evidentes da fragilidade, da limitação e do egoísmo humanos, possuem, a nossos olhos, a mesma altíssima dignidade de todo ser humano. São, portanto, considerados, antes de tudo, não somente como indivíduos necessitados de atendimento e de ajuda, mas como pessoas, que merecem respeito, estima e amor.

Além disso, sua dignidade adquire uma particular intensidade, enquanto em sua condição representam mais de perto Jesus Cristo humilhado e sofredor, que, sendo rico, se fez pobre para enriquecer-nos, e do qual eles são o sinal mais eloquente.

Sua vida, ainda que às vezes socialmente improdutiva, contudo, é preciosa, porque sua presença nos ajuda a compreender melhor alguns aspectos fundamentais da pessoa humana: seu coração, feito para amar e abrir-se à partilha com os outros; a primazia do amor sobre a inteligência, sobre a autossuficiência e sobre a beleza; a necessidade de dar um significado para a dor; a vocação para a luta contra o mal e a aspiração à uma vida futura livre de todo sofrimento.

Deste modo, os pobres nos evangelizam e nos

educam; sua presença desprende amor e é determinante para transformar a realidade humana em civilização do amor.

Eles podem ser considerados um peso somente onde falta o amor; reconhecendo e promovendo a sua dignidade, se reconhece e se promove a nossa própria dignidade de pessoas e se torna presente entre nós o amor de Deus.

## *Capítulo segundo*

### MODELOS DE REFERÊNCIA

## **7. Deus Pai providente e misericordioso**

Toda a nossa pedagogia tem sua suprema inspiração na realidade de fé que nos ensina que Deus é para nós Pai providente e misericordioso, como nos é revelado pela maneira como ele atua com a humanidade no decorrer da história da salvação.

Ele é um pai que ama imensamente a todos os homens como seus filhos queridos e os trata com tal benevolência que estabelece com eles uma aliança de amor.

Tem profunda compaixão de cada um e toma cuidado, como se não tivesse que pensar e prover senão somente a ele.

Embora, para Ele todos sejam igualmente seus filhos, contudo pensa e provê de modo especial aos mais fracos e necessitados, e tem por eles uma particular predileção.

Em todo tempo e em toda ocasião, nos educa com força e ternura: aceita cada um na sua própria realidade; com sabedoria o ajuda a crescer, junto com os outros, para a plenitude da vida e, com confiança, lhe pede que faça frutificar todas as

suas capacidades.

Recolhe-nos todos, com paciência, em uma só família, nos une com vínculos de amor fraterno e nos guia para a plena comunhão entre nós e consigo mesmo.

Esta admirável pedagogia divina, não só inspira toda nossa ação educativa, mas constitui seu fundamento e sua origem: Deus, que se revela e atua como um pai que ama, nos impele a fazer deste amor a finalidade da nossa vida.

## **8. Jesus Cristo Bom Pastor e Bom Samaritano**

Jesus Cristo, em sua pessoa e em sua vida, nos revela plenamente o amor misericordioso do Pai e seu estilo educativo para com a humanidade.

Enviado a anunciar aos pobres a jubilosa mensagem da salvação, Jesus quis ser o Bom Pastor que conhece cada um de modo pessoal, caminha conosco e nos conduz com segurança para a salvação; vai procurar quem está longe e se alegra por tê-lo encontrado, e por todos oferece livremente a sua vida.

Como Bom Samaritano, se fez um de nós e veio procurar-nos: inclinou-se sobre nós, enfaixou nossas chagas, curou nossos males e reconduziu-

nos à vida.

Sacrificando-se sobre a cruz, reconciliou todos os homens com Deus e entre si, tornando-os filhos do único Pai e irmãos entre si.

Ao cumprirmos nossa missão, o modo e a medida os recebemos da caridade de Jesus Cristo. Como Ele e com Ele somos chamados a mostrar ao mundo, com os fatos, que Deus é quem provê com solícito cuidado de Pai a seus filhos e que só o amor misericordioso é verdadeiro remédio para os males da humanidade.

## **9. O Espírito Santo vivificador e santificador**

O Espírito Santo, com seu amor, dá vida a toda criatura e derrama continuamente em toda pessoa e no mundo as sementes do bem.

Com sua luz, nos conduz a discernir os sinais dos tempos, a compreender os projetos de Deus sobre os indivíduos e sobre os povos e a encontrar os caminhos para realizá-los.

Com sua força, guia as pessoas ao pleno desenvolvimento: age suavemente nos corações, para abri-los aos valores autênticos e move as vontades para fazerem frutificar os dons recebidos.

Espírito santificador, com a sua graça age mis-

teriosamente no coração da pessoa; a sua ação é eficaz e, ao mesmo tempo, respeitosa da liberdade humana.

Espírito doador de comunhão, impele todos a colocarem a serviço dos outros os próprios carismas e vai suscitando relações fraternas entre as pessoas e entre os grupos. Estimulando os povos a superarem, com coragem, as divisões e a cultivarem pensamentos de paz, orienta-os para a unidade, no respeito e na valorização das diferentes culturas.

## **10. A Trindade modelo de comunhão**

Na Trindade nós procuramos a fonte daquela caridade que constitui a alma de nossa missão educativa. Nela encontramos tanto o princípio como o modelo daquela comunhão que queremos realizar em nossas instituições e contribuir para edificar o mundo.

Com efeito, Deus, segundo a revelação cristã, é mistério de comunhão de amor: o Pai, o Filho e o Espírito Santo se doam incessantemente de modo livre, total, gratuito e em perfeita unidade.

Ele se doou à humanidade para nos tornar participantes de sua vida íntima e de sua comunhão de

amor: enviou ao mundo seu Filho Jesus como salvador e derrama nos corações sua caridade por meio do Espírito Santo, que nos faz seus filhos e irmãos entre nós.

Dado que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, a Trindade é a verdade mais profunda da pessoa: ela chega a ser ela mesma e alcança a plenitude da vida somente no dom recíproco de si, realizado em virtude do amor que vem de Deus e na medida testemunhada por Jesus.

## **11. A Virgem Maria mãe terna e dedicada**

Seguindo a experiência do Fundador e o magistério da Igreja, nos inspiramos na Virgem Maria. Com efeito, por meio dela, o amor de Deus, que se revelou em Cristo, adquire sinais mais compreensíveis e acessíveis a toda pessoa humana.

No desenvolvimento de sua função de mãe de Cristo e dos homens, ela imita mais do que qualquer outra criatura o estilo educativo de Deus e evidencia seus traços maternos.

Maria ama a todos nós, nos doa Jesus, seu filho, como Salvador e nos conduz até Ele, convidando-nos a pôr em prática suas palavras de vida.

Aos pés da cruz, nos acolhe a todos como seus

filhos e toma cuidado de nós: nos solicita a manter viva a esperança e a manter-nos na unidade; nos introduz na compreensão da jubilosa notícia do Evangelho e dos projetos de Deus; nos sustenta nos esforços para o bem e nos encoraja nos caminhos da vida e da missão.

Pelo seu grande e terno amor, se faz presente no meio da humanidade durante o curso da história, sobretudo nos momentos mais difíceis.

Está atenta, com sensibilidade materna, a quem tem necessidade, e, com solícita caridade, vai ao encontro de todos, desejosa de que sobre cada um e sobre a humanidade inteira se cumpra o projeto do Pai.

## **12. A família modelo de vida e de relação educativa**

Segundo as intenções do Fundador, toda nossa instituição deve ser estruturada como uma casa e o sistema de vida e o estilo das relações interpessoais devem aproximar-se o mais possível àqueles de uma família, que vive em estilo cristão.

Consequentemente, ao olhar para o modelo da família, pretendemos referir-nos àqueles valores universalmente válidos que pertencem ao projeto

desejado pelo Criador, que a santa Família de Nazaré viveu de modo exemplar, e assim como o Fundador os viveu e nos transmitiu.

Neste projeto, a família é o ambiente natural onde a vida humana nasce e se desenvolve, a pessoa descobre a própria identidade e encontra resposta para as suas necessidades fundamentais.

Os membros são unidos uns aos outros pelo afeto recíproco e fazem experiência de comunhão: cada um é respeitado, estimado e amado em sua individualidade, e todos se esforçam em ser um só coração e uma só alma, de tal modo que a variedade dos caracteres não obstaculize, mas favoreça a unidade.

Compartilham tanto a vida cotidiana, com seus problemas e suas alegrias, como também os recursos e os projetos, e são felizes por estarem juntos.

Segundo suas capacidades e seu papel, todos participam co-responsavelmente da realização do bem comum e estão atentos ao progresso próprio e dos outros, cuidando uns dos outros e encorajando-se mutuamente.

Como célula social, a família se mantém aberta à sociedade na qual está inserida, participa de sua vida e contribui para seu desenvolvimento.

Ciente que sua fonte está em Deus, vive com

plena confiança na divina Providência e no encontro com Jesus obtém a disponibilidade para cumprir a vontade divina, a concórdia e a fidelidade à própria missão educativa.

### **13. O Fundador evangelizador dos pobres**

Os modelos inspiradores, antes descritos, foram assimilados e encarnados em medida excepcional e original pelo nosso fundador, Pe. Luís Guanella, que deste modo abriu e percorreu um novo caminho de promoção das pessoas, em particular dos pobres.

Dotado de extraordinária sensibilidade para ver e entender quem está necessitado e quem sofre, se fez seu próximo com generosidade total e empenhou todos os dons da natureza e da graça para sua promoção material e espiritual.

Fez sua a causa dos pobres, amou com predileção aos mais abandonados e cuidou deles com o coração de um pai, o sentido de partilha de um irmão e a disponibilidade de um amigo, até doar-lhes toda sua vida.

Não se limitou a socorrê-los, mas foi procurá-los. Convencido de que “não se pode parar enquanto houver pobres para socorrer e necessidades

às quais prover”, com empenho incansável, foi em toda parte e lugar para fazer germinar e crescer a caridade.

Seu projeto foi oferecer-lhes condições existenciais dignas da pessoa humana e encontrar, com pertinaz inventiva, uma maneira de atuar suas potencialidades pessoais para que pudessem alegrar-se com o dom da vida e da fé e percorrer a estrada da realização humana e cristã.

Deu-lhes pão e Senhor, uma casa e uma família, e os fez sentirem-se pessoas amadas e estimadas, protagonistas da própria história e participantes da caminhada da humanidade.

Nós olhamos para o Fundador como modelo de pastor e de educador e o sentimos presente no meio de nós como pai e mestre que continuamente nos estimula e nos educa ao cumprimento fiel e generoso da missão pastoral e educativa que nos foi confiada pela Providência.

## *Capítulo terceiro*

### FINALIDADES GERAIS

#### **14. Promoção integral da pessoa humana**

A finalidade principal de nossa atividade é promover a pessoa humana em todas as suas dimensões, segundo as potencialidades de cada um.

Propomo-nos, portanto, salvaguardar o bem-estar físico e, nos casos em que a saúde está comprometida pela doença, oferecer, na medida do possível, os oportunos tratamentos e assistências, mesmo quando humanamente, segundo a ciência, não fosse possível esperar o restabelecimento.

Visamos também tanto o desenvolvimento como o bem-estar psíquico das pessoas.

Procuramos, portanto, manter viva e fazer crescer a consciência de sua dignidade e vocação, abrir seu ânimo à alegria do dom e da acolhida da vida e ativar, na medida do possível, suas potencialidades psíquicas, mesmo no caso em que as capacidades cognitivas, afetivas e volitivas aparecem muito limitadas.

Pretendemos, em particular, ajudá-las a se formarem um coração bom, capaz de acolhida sincera e universal ao próximo, sensível às suas

necessidades, generoso e disponível à ajuda fraterna.

Ao mesmo tempo, as guiamos para um conhecimento e para um amor sempre mais profundos de Deus, percebido e amado como Pai providente, e para uma experiência sempre mais viva e jubilosa d'Ele. Este, nos diz o Fundador, é o objetivo principal da educação.

Convencidos de que em Jesus a pessoa humana pode alcançar o máximo grau da relação com Deus e encontrar a plena felicidade, nos esforçamos para promover, no respeito das crenças religiosas de cada um, a abertura para a fé n'Ele, até a meta da santidade cristã.

Este objetivo de promoção integral não destina-se somente a cada um em particular, mas também aos grupos sociais e aos povos nos quais estamos inseridos.

Nossa ação caritativa, conseqüentemente, dirige-se para sua elevação material, moral, espiritual e religiosa, no respeito de sua história e de sua cultura.

## **15. Difusão da caridade**

Era vontade do Fundador que toda nossa insti-

tuição não só vivesse a caridade em seu próprio interior, mas que também a irradiasse para o ambiente externo, e assim contribuísse para a renovação do mundo.

Portanto, enquanto visamos à promoção da pessoa, nos propomos igualmente suscitar e levar por todas as partes o amor a Deus e ao próximo, fazendo com que tudo, pessoas, instituições sociais, atividades, relações interpessoais e sociais, sejam por ele envolvido e vivificado.

Procuramos, em particular, animar as pessoas a se abrirem ao amor, a se deixarem inspirar e permear por este valor supremo, assumindo sua linguagem e suas dinâmicas e colocando em tudo o amor.

Convidamo-las a tomarem como luz e guia das relações com os outros o mandamento do amor fraterno, com aquela radicalização e extensão queridas por Jesus, aprendendo d'Ele a transformar o amor em serviço e a fazer da própria vida um dom contínuo ao próximo, sobretudo àquele necessitado.

Quanto à sociedade em geral, nosso compromisso é sensibilizá-la para que nenhum grupo social e povo fique afastado de seu caminho, mas todos sejam ajudados a participar do progresso da

civilização. Para que ninguém seja deixado de lado na vida, sozinho e abandonado, mas que toda vida humana e toda pessoa, especialmente as mais fracas, sejam acolhidas e circundadas de estima e de amor.

## **16. Edificação da comunhão**

Segundo o desejo do Fundador, nossas instituições não só devem formar entre elas uma só família, mas também participar de modo direto na construção de uma sociedade solidária e fraterna, segundo o projeto de Deus de unificar tudo em Cristo, através da caridade, e fazer de todos os homens e de todos os povos uma única grande família.

Em resposta também aos apelos da Igreja e à grande necessidade de concórdia e de paz do mundo de hoje, nos propomos, portanto, favorecer a difusão de uma mentalidade social em que as pessoas e os povos se reconheçam, não somente iguais na dignidade, mas também irmãos, acima das diferenças sociais, raciais e culturais.

Diante dos contrastes e das discórdias que dilaceram o tecido da sociedade, queremos contribuir para o crescimento de um clima de respeito,

de acolhida, de concórdia e de fraternidade, no interior das famílias, dos grupos sociais e dos povos e nas relações entre eles, para que assim as pessoas e as nações percorram os caminhos da convivência pacífica e da solidariedade.

E já que a incomunicabilidade cria incompreensões e divisões, procuramos favorecer o diálogo e a comunicação, para que as pessoas e os povos, através da apreciação e da valorização das respectivas riquezas humanas e culturais, possam construir a unidade.

## *Capítulo quarto*

### SENTIDO DA EDUCAÇÃO

#### **17. Relação amistosa de ajuda**

A educação, segundo o Pe. Luís Guanella, é especialmente obra do coração.

Em nossa concepção pedagógica, ela é em primeiro lugar um processo que põe em comunicação o mundo interior das pessoas, com uma troca recíproca de pensamentos, afetos e ajuda.

A educação não se reduz a uma seqüência de ações executadas segundo uma específica metodologia para o crescimento da pessoa. É antes, uma relação desejada, querida e amistosa, na qual se oferece ao outro um constante e cordial acompanhamento na aquisição dos valores e uma ajuda para suas necessidades. Em tal relação, quem recebe responde com sentimentos de amizade e, por sua vez, envia mensagens e estímulos que modificam a personalidade do outro.

O processo educativo, conseqüentemente, é um caminho em que se procede juntos para a maturidade: cada um alimenta a própria identidade, mantém o próprio papel e a própria função, e todos se ajudam e se sustentam mutuamente.

De tal modo, ao buscar o crescimento do outro, tende-se também ao próprio crescimento, e, enquanto se favorece o aperfeiçoamento do outro, obtém-se também o aperfeiçoamento próprio.

## **18. Processo de autoformação**

A educação é especialmente obra do coração, também no sentido que acontece no centro mais profundo do nosso ser do qual brotam sentimentos, pensamentos, intenções, projetos e decisões.

Com efeito, educar significa construir a pessoa a partir de seu interior e não plasmá-la a partir de fora, isto é, ajudá-la mediante um processo intencional e sistemático a ativar todas as suas possibilidades e a libertar-se dos condicionamentos que poderiam impedi-la de ser ela mesma.

O desenvolvimento das pessoas não é um fato externo, mas acontece sempre através da apropriação pessoal dos conhecimentos e dos valores, mesmo quando se trata de sujeitos com desvantagens sócio-culturais, com carências afetivas e com graves deficiências intelectivas.

Com uma imagem expressiva, o Fundador diz que “o coração de uma pessoa é como terra de horta e de jardim que, cultivada, produz flores e

frutos”. Queria dizer com isso que educar é empenhar-se a tornar os indivíduos agentes do próprio desenvolvimento.

## **19. Obra da graça de Deus**

A educação não é somente fruto dos esforços humanos, mas é também obra da graça divina. Aliás, é precisamente esta graça, a nosso modo de ver, que dá fecundidade ao trabalho educativo.

Com efeito, Deus participa dela como protagonista, como Pai que educa continuamente cada um de seus filhos, agindo diretamente em seu coração.

Ele tem uma relação educativa invisível, mas real e construtiva com sua criatura: a previne com seu amor e com seus dons, a estimula e encoraja à colaboração, lhe abre novos caminhos de crescimento e, incessantemente, lhe dá luz e energia para que possa prosseguir no caminho para a perfeição.

Sua graça alcança as profundidades do coração, chegando lá onde não consegue chegar a habilidade humana, desperta os recursos mais escondidos e produz frutos que aparecem prodigiosos aos olhos da própria pessoa.

## **20. Dimensão social**

A educação é também um processo social, enquanto acontece na sociedade e por meio dela.

Seu primeiro contexto natural é a família, cujo papel primário é o educativo. Com efeito, a ela compete por primeiro o direito-dever de ocupar-se da formação dos próprios membros e de procurar para este fim a colaboração das várias instituições sociais.

Todavia, também a sociedade, em seu conjunto e em seus componentes institucionais, tem fundamentalmente uma vocação educativa, de modo que a educação das pessoas se torna um seu compromisso prioritário e irrenunciável.

Família e sociedade não são só sujeitos que cumprem intervenções educativas e lugares em que estas se desenvolvem, mas também ambientes que, como tais, constituem uma proposta formativa.

A serviço desta missão elas, em recíproca colaboração, devem colocar suas melhores energias, com a consciência de que construir pessoas realizadas e felizes seja sua finalidade suprema e a

tarefa mais nobre que podem cumprir.

## **21. Caminho universal de esperança**

A educação é um direito inalienável de toda pessoa, já que brota de sua própria dignidade.

É um direito inviolável também de toda instituição social, a partir da família, e de todo povo, enquanto, como agentes e veículos de formação, são eles mesmos chamados a um empenho de aperfeiçoamento e de crescimento.

Este é, portanto, um caminho que a humanidade inteira pode percorrer e é uma possibilidade efetiva de crescimento que deve ser oferecida a todos, para que todos possam caminhar para a própria realização, mesmo quem está em desvantagem, mas tem, contudo, a sorte de existir como pessoa humana e de ser destinado à plenitude da vida.

## **Segunda Parte**

### **ESTILO EDUCATIVO GUANELLIANO**

#### **22. A caridade: alma do sistema educativo guanelliano**

Todo nosso sistema de vida e de educação se apoia sobre a caridade, considerada pelo Pe. Luís Guanella como “regra infalível de pedagogia religiosa”, isto é, de uma pedagogia que se inspira no estilo educativo de Deus.

A caridade é sua alma e a energia que lhe dá fecundidade: proporciona os elementos essenciais de nossa metodologia pedagógica, suscita e informa as disposições interiores e os comportamentos nas relações interpessoais, plasma o clima do ambiente e determina os critérios operativos gerais.

Ela vem de Deus e se traduz em nós sobretudo em amor misericordioso, que move a procurar o próximo necessitado, a inclinar-se sobre ele e a socorrê-lo, pagando com a própria pessoa.

A caridade, fazendo superar distâncias e diferenças, conduz as pessoas a uma comunhão de afetos e de sentimentos de tipo fraterno e amigável.

Como afirma São Paulo, “a caridade tudo crê, tudo espera, tudo suporta”: isto é, sabe ver o bem também lá onde está escondido e crê que todos, por sua vez, são educáveis, confia nos caminhos da Providência e na força da vida, sustenta toda iniciativa válida e enfrenta toda dificuldade em vista da promoção das pessoas.

Não conhece confins nem de raça, nem de tempo, nem de espaço, de modo que “todo mundo – diz o Fundador – é vossa pátria e os vossos confins são os confins do mundo”.

## *Capítulo primeiro*

### PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

#### **23. Circundar de afeto**

Este princípio, segundo o Fundador, em nosso estilo educativo tem prioridade de tempo e de importância sobre todos os outros, a tal ponto que o amar vem antes até do cuidar.

Com efeito, do amor autêntico, como de uma fonte abundante, brotam as idéias e as maneiras mais criativas para procurar o bem para aqueles aos quais nos dirigimos.

A primeira maneira para circundar de afeto as pessoas é o de acolhê-las com o coração aberto e disponível, como membros de uma mesma família.

Portanto, a acolhida se transforma em aceitação cordial de todo indivíduo e de todo povo, assim como são e assim como eles se apresentam, sem formular juízos a seu respeito.

Multiplicamos, pois, nossas atenções e nossos cuidados, como sinal do nosso desejo de tomar cuidado deles, até mesmo antes que de seus problemas. E manifestamos também a firme vontade de estar atentos às suas necessidades, de encarre-

gar-nos delas e de procurar provê-las, independentemente dos méritos ou deméritos, cientes de que todos têm direito a se sentirem acolhidos e amados.

Ao mesmo tempo, enviamo-lhes sempre mais claramente, mensagens de afeto, de estima e de confiança, que testemunham quanto eles e seu destino sejam importantes para nós, independentemente das suas virtudes e dos seus limites, das experiências precedentes e da situação atual.

#### **24. Oferecer valiosas e adequadas propostas educativas**

Com as palavras e com o exemplo, o Fundador nos ensina que as pessoas não devem ser circundadas só de amor, mas também de todas aquelas ajudas concretas que favoreçam o seu crescimento nas várias áreas da personalidade e as façam capazes de procederem em todo momento da vida nos caminhos do bem.

Propomo-nos, portanto, de oferecer-lhes com constância, clareza e convicção, todas as possíveis propostas e ocasiões educativas, cuidando sobretudo de sua qualidade, cientes que o desenvolvimento de todo ser humano depende em

grande parte das oportunidades formativas postas a sua disposição.

Procuramos, conseqüentemente, fornecer intensos estímulos e meios educativos carregados de força promotora, que respondam às necessidades de cada um e sejam proporcionais a sua capacidade receptiva.

Em todo caso, tenhamos sempre presente a admoestação do Fundador: “Pão e Senhor não devem ser pouco, mas suficiente em nossas casas”.

## **25. Valorizar os dons da natureza e da graça**

Em todo projeto de promoção das pessoas e dos povos, seguimos também o princípio de partir das potencialidades da natureza e da graça, presentes, em medida maior de quanto possa parecer, em todo indivíduo, em todo grupo humano e em toda cultura.

A este respeito, o Fundador nos convida a estar atentos a toda riqueza de valores de cada pessoa em particular e dos diversos povos, e a apreciar e fazer frutificar, da melhor maneira possível, também os mais exíguos recursos e aptidões.

Vamos, portanto, à descoberta de todas as ca-

pacidades que cada um possui, tanto daquelas psíquicas, morais e espirituais, como daquelas físicas e sensório-motoras, e de todas as coisas belas e positivas que se possam encontrar na cultura de cada povo.

Investimos os melhores esforços educativos e fornecemos os instrumentos aptos a colocar os indivíduos e os povos em condições de exprimir o melhor de si, de tomarem consciência de suas capacidades e qualidades, sobretudo as do coração, e de desenvolvê-las cada vez mais.

Nesta obra educativa, tão delicada e fundamental, deixamos de lado todo preconceito e procuramos tentar tudo o que nos for possível, cientes de que as habilidades e as virtudes permanecem às vezes escondidas ou até sepultadas pelos limites e pelos aspectos negativos, mas que as podemos fazer vir à luz e frutificar por meio de um amor inteligente e criativo.

## **26. Prevenir**

Em nosso estilo pedagógico, a prevenção é pressuposto necessário para a promoção das pessoas e das comunidades. Consiste em fazer com que elas não incorram em nenhuma forma de mal,

não sofram retrocessos físicos e psíquicos e não sejam vítimas de experiências negativas.

Nossa estratégia preventiva realiza-se colocando as próprias pessoas, as comunidades e a sociedade em condições de se defenderem dos perigos e de superarem as dificuldades, causadas também por situações sócioambientais.

Isto acontece, nos indivíduos e nas comunidades, mediante uma obra constante de manutenção dos recursos físicos, psicológicos e morais e de robustecimento dos mesmos, sobretudo nos pontos mais fracos, para assim elevar uma barreira interna contra o mal e impedir que ele se enraíze no corpo e no espírito.

Tendo em conta o estado de fragilidade física ou moral das pessoas das quais nos ocupamos, a prevenção desenvolve-se em prever e, possivelmente, intuir as ocasiões de dano físico, psicológico e moral para os indivíduos e as comunidades e em afastá-las prontamente.

Concretiza-se, outrossim, em evitar que possam encontrar dificuldades superiores às suas forças e em perceber antecipadamente as necessidades, para que a elas se possa prover rapidamente.

Esta obra de salvaguarda se traduz em intensa vigilância sobre o que acontece, tanto nas pessoas

como no ambiente, para assim perceber imediatamente os sinais de perigo, individuar logo as situações de risco e providenciar os oportunos remédios.

Além disso, a estratégia guanelliana preventiva atua-se em tornar capazes as pessoas e as comunidades a enfrentarem perigos e dificuldades com energia e ao mesmo tempo com confiança na força da graça de Deus e em si mesmas.

## **27. Encorajar**

O Pe. Luís Guanella escreve: “Convém encorajar sempre, desanimar nunca”.

O encorajamento não é simplesmente uma mensagem de confiança para com o próximo, mas é aquele conjunto de gestos e atenções que impulsionam quase insensivelmente a pessoa para o bem e a conduzem à acolhida, à assimilação e à encarnação dos valores.

Exprime-se numa paciente e contínua ação de estímulo e de gratificação, que se concretiza em acompanhar as propostas formativas com um cordial e decidido convite a aderir a elas, em apreciar e premiar, ainda que só moralmente, os esforços em prol do bem.

Exclui a imposição e as punições, a não ser que não se encontre outro remédio para uma mudança eficaz; mas, também em tal caso, deve ser absolutamente evitado tudo o que mortifica a dignidade da pessoa e supera sua capacidade de compreensão.

Percorre, ao invés, o caminho da convicção e da persuasão e se torna, portanto, esforço incessante, mas confiante de introduzir nas mentes e nos corações o amor e o desejo por tudo o que é belo, bom e verdadeiro, de fazer entender sua importância e degustar a alegria de vivê-lo.

Nos momentos de dificuldade e de sofrimento o encorajamento se faz compromisso criativo para impedir a depressão e manter alta a moral, oferecer conforto e manter vivas as razões da esperança.

Este estilo deve ser usado com todos, mas, de modo particular, com aqueles que mais sofrem no corpo e no espírito. “Estes – nos admoesta o Fundador – jamais devem ser repreendidos, nem atormentados, mesmo quando pareça que exista uma razão para isso. É preciso, ao invés, estudar meios para levantar continuamente seu moral”.

## **28. Acompanhar**

Ao tomar cuidado das pessoas, procuramos acompanhá-las em todo momento com coração de pai e de mãe, de irmão e de irmã, para percorrer juntos o caminho para o maior bem-estar possível de cada um.

Colocamo-nos, portanto, a seu lado e nos fazemos companheiros de viagem, sem, contudo, substituir-nos a eles e no respeito de sua liberdade e autonomia.

Comprometemo-nos em sintonizar-nos com seu modo de sentir-amar-exprimir-se e em partilhar os valores, as fadigas, os problemas, as alegrias das conquistas e as amarguras das desilusões, os medos e as esperanças.

Ao percorrer juntos o caminho, as guiamos e, ao mesmo tempo, nos deixamos conduzir por elas, as sustentamos em seus esforços para o bem e, simultaneamente, nos deixamos ajudar.

Meio privilegiado de acompanhamento é para nós a presença assídua e fraterna, que se exprime na partilha da vida cotidiana, das pessoas que nos são confiadas. Deste modo procuramos conhecer de perto seu mundo interior e suas necessidades, seguir pessoalmente suas vicissitudes, intervir prontamente nas dificuldades e fazer-lhes sentir

que nós lhes queremos bem com todo o coração.

No desenvolvimento das próprias tarefas, segundo as possibilidades e as necessidades, cada um deve atuar esta presença significativa. Além do que é estritamente requerido pelo próprio papel e coligado às próprias competências, é preciso prestar-se de boa vontade e com amor a momentos de partilha da vida cotidiana, mesmo quando isto comporta o sacrifício da própria liberdade, dos próprios gostos e comodidades.

## **29. Prodigalizar-se**

“É preciso preocupar-se pelo melhor desenvolvimento das pessoas e não dizer nunca basta em promover o aperfeiçoamento próprio e dos outros. O trabalho de educação em geral e em particular é trabalho de todo dia por todos os dias da vida”.

Com estas e outras palavras, o Fundador nos convida a trabalhar cada dia com energia, alegria de espírito, coragem profética e, sobretudo, com amor, para a promoção das pessoas desfavorecidas e dos povos pobres e a fazer nossa a sua causa, na medida em que cada um se sente chamado pela graça divina.

Seguindo seu exemplo, pretendemos colocar à disposição de nossas finalidades educativas os melhores recursos morais e materiais que a Providência nos envia, o tempo e os dons de natureza e de graça que nos são dados.

Esforçamo-nos, portanto, em empenhar as energias da mente na busca de tudo o que pode qualificar melhor a nossa ação e torná-la mais eficaz.

Procuramos igualmente utilizar as nossas capacidades afetivas e emotivas no encarregar-nos da obra educativa e das pessoas a nós confiadas, e empregar todas as nossas habilidades operativas, sem poupar fadiga e sem excluir nenhuma válida iniciativa.

### **30. Confiar na Providência**

A dedicação total aos necessitados deve caminhar paralelamente com uma plena confiança na Providência do Pai.

“É preciso trabalhar com força, diz o Fundador, como se tudo dependesse de nós e nada de Deus, mas ao mesmo tempo trabalhar com tal confiança na Divina Providência, como se Deus fizesse tudo e nós nada”.

Na ação educativa cotidiana nos acompanha a consciência de que a Providência nos escolheu, nos previne com sua graça e nos assiste no presente e no futuro.

Sustenta-nos a certeza de que Deus chega também lá onde nós não conseguimos e sabe despertar potencialidades, comprometer e fazer crescer.

Esta convicção nos ajuda a vencer ansiedades e medos, para deixar lugar à esperança mesmo nas situações mais difíceis, e nos liberta da tentação de colocar toda a segurança em nossas estratégias, com o perigo de condenar à esterilidade nossos esforços.

Todos, qualquer que seja sua tarefa, devem atuar e viver em todo momento com esta confiança na Providência e tudo – relações interpessoais, ambiente, escolhas e realização dos caminhos educativos – deve ser por ela permeado.

## *Capítulo segundo*

### CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO EDUCATIVA

#### **31. Pelos caminhos do coração**

A intuição do Fundador, que a educação é especialmente obra do coração, é confirmada também pela experiência e pelas ciências humanas, segundo as quais a gente quer o que aprende a amar.

No sistema guanelliano de vida e de educação, portanto, toda relação interpessoal, especialmente a educativa, nasce do coração e se desenvolve pelas vias do coração.

Isto é, se funda e se desenvolve sobre as faculdades afetivas e volitivas mais do que sobre outras capacidades da pessoa e exprime-se mediante atitudes internas e comportamentos externos que veiculam toda a riqueza de sentimentos de quem, por amor, quer o bem do próximo.

Existem tantos modos para pôr-se em relação com os outros, mas o caminho do coração, segundo nosso parecer, é certamente o mais envolvente, respeitoso e eficaz, sobretudo quando a educação parece uma tarefa impossível e inútil, e não se vêem razões suficientes para esperar resul-

tados.

Nós cremos que, mesmo nos casos humanamente desesperadores, o verdadeiro amor consegue encontrar o caminho para chegar ao ponto mais profundo do coração do outro e levar-lhe uma mensagem e um estímulo para o bem.

Precisamente por isso, mais do que sobre a organização, sobre a eficiência técnica e sobre a metodologia, apostamos em uma relação educativa fundada e animada por um amor iluminado pela inteligência.

#### *a) Atitudes interiores*

### **32. Benevolência**

A benevolência é para nós especialmente uma profunda e intensa corrente de afeto, que abre para um encontro livre e sincero com o próximo; brota no coração e o inclina a querer com todas as forças o bem do outro.

Tal atitude nos conduz a sentir e acolher o próximo, antes de tudo, como pessoa que se deve amar e da qual receber amor, antes ainda que alguém que se deve ajudar. Assim, a relação não é como entre benfeitor e beneficiado, mas como

entre irmãos que se amam e se ajudam mutuamente.

Ao mesmo tempo, nos impele a olhar com coração generoso para os indivíduos e para o conjunto das pessoas, a avaliar com visão ampla suas necessidades e a compreender seus limites com espírito mais inclinado à misericórdia do que à justiça.

Esta é a disposição interior que deve ser mais cultivada. Com efeito, quem está necessitado, juntamente com o pedido de ajuda, procura um coração que ama. O Fundador nos lembra assim que, quanto mais se sofre, mais se sente a necessidade de amor.

Além disso, é o afeto do coração, mais do que o estudo especulativo da mente, que faz individualizar as necessidades.

### **33. Compaixão evangélica**

Entre as disposições interiores que dão autenticidade à relação educativa, Pe. Luís Guanella dá grande realce à compaixão evangélica. Com efeito, escreve: “Todos os membros da casa se eduquem para um vivo sentido de compaixão para com toda classe de sofredores. A compaixão é

viva na natureza do homem e um coração compadecido é um coração bom que Deus abençoa”.

Compaixão é deixar-se tocar o coração à vista das necessidades do próximo, acolher no mais profundo de si seu grito de ajuda, particularmente quando vem da fraqueza de quem não tem voz, e partilhar o peso de seus sofrimentos como se fossem os próprios.

Esta solidariedade interior, que faz “deitar em nosso coração” suas dificuldades, nos faz capazes de comunicar com ele e de entender seu estado de espírito, suas necessidades e suas esperanças. Gera também a vontade de estar próximo, de aliviar sua dor e de assumir a co-responsabilidade de sua caminhada.

### **34. Solicitude**

A solicitude é a atitude interior que nos faz correr em socorro do próximo na necessidade, sobretudo de quem, como o paralítico do Evangelho, jaz às margens da vida sem apoio humano, para oferecer com prontidão aquilo que ele necessita, à semelhança de Deus que, com solícito cuidado de Pai, pensa e provê a seus filhos.

Ela nos impele a procurar, com espírito de cri-

atividade, tudo o que pode favorecer o desenvolvimento pleno de cada um e a percorrer, com coragem, estradas novas de autêntica libertação e promoção, mesmo quando comportam riscos e sacrifícios.

Conduz-nos, pois, a perceber com realismo as situações de particular urgência e as graves pobreza materiais e morais que emergem nas várias culturas, e a contribuir com prontidão, na medida de nossas energias, à atuação das respostas oportunas.

“Um coração cristão que crê e que sente, não pode passar adiante das necessidades do pobre sem socorrê-las. Não se pode parar enquanto houver pobres a socorrer e necessidades às quais prover”.

## ***b) Modalidades relacionais***

### **35. Estima e respeito**

Nas relações interpessoais a estima nos leva a considerar o outro, de modo particular o pobre marcado pela pobreza, como um “tu”, isto é, um indivíduo dotado de igual dignidade humana e com uma personalidade própria.

Ela não nos faz olhar para as limitações do outro, mas nos faz apreciar sua riqueza interior, sobretudo a do coração, e procurar os recursos morais e espirituais, que são sempre grandes nas pessoas atingidas pela dor e oprimidas pela necessidade.

Com uma capacidade especial de observação nos leva a ver a beleza, mesmo quando está escondida pela “não beleza”.

A estima se traduz em profundo respeito pelo outro: pelo seu mundo interior, pela sua história e sua vivência, pelos seus projetos e suas exigências.

Diante do mistério do sofrimento presente em quem nos é confiado, o respeito deve tornar-se tão grande, que não viole sua dignidade pessoal e não diminua o papel precioso que ele desenvolve no âmbito da história da salvação.

Diante dos problemas e das dificuldades que as pessoas prejudicadas encontram diariamente, o respeito deve traduzir-se em atitudes e gestos de sincera compreensão, de paciência “ilimitada” e de extrema delicadeza.

## **36. Confiança e otimismo**

A confiança é uma regra pedagógica de grande importância: gera confiança no outro e põe em movimento suas melhores energias.

Ela nos leva a acreditar nas pessoas e na sua bondade e a valorizar seus recursos, ainda que mínimos.

Manifesta-se em particular na concessão de uma razoável liberdade de ação, para que cada um possa exprimir o melhor de si.

Não se desanima diante do erro, mas conforta com solícita caridade e encoraja para prosseguir no caminho com serenidade e esperança, contando com a ajuda de Deus e dos outros e com as próprias capacidades.

Junto com a confiança, nos acompanha e nos sustenta um grande sentido de otimismo.

Este não nasce do sentimentalismo ou de raciocínios oportunistas, mas da convicção de que o bem é mais forte do que o mal, de que a graça de Deus age de modo eficaz nos corações e de que as capacidades presentes em uma pessoa são infinitamente superiores aos seus limites.

Por isso nós cremos que, não obstante os problemas das pessoas e dos povos e a dramaticidade de certas situações, a ação educativa produz frutos de bem.

Esta visão otimista nos estimula a vencer os medos e a dar vida à planos educativos corajosos, capazes de despertar as qualidades adormecidas das pessoas e dos povos e de sustentar suas esperanças.

Confiança e otimismo nos induzem a contar com os esforços das pessoas, a esperar pacientemente os frutos e a apreciar sempre os resultados alcançados, mesmo quando podem parecer pouco significativos.

### **37. Confidência e diálogo**

Em nosso sistema de vida e de educação, as relações interpessoais e de grupo devem ser fortemente marcadas pela confidência.

“Os superiores, no ato de dirigirem os próprios dependentes, favoreçam com simplicidade o amor confidencial e os chamem pelo seu próprio nome, como filhos, irmãos e amigos queridos. Os dependentes se deixem conduzir para eles pelo espírito de amor e de confidência e não pelo temor”.

A confidência se exprime no abrir-se uns aos outros com sinceridade, sem medo ou submissão, e em ajudar-se e encorajar-se mutuamente com o conselho e a correção fraterna.

Ela leva a instaurar um diálogo franco e espontâneo, procurado não só em momentos específicos, mas também nas várias ocasiões oferecidas pela vida cotidiana.

Para construir e alimentar tal diálogo, nos comprometemos a evitar tudo o que danifica a estima e a reputação das pessoas, a fazer circular as informações e a trocar idéias e experiências, para assim buscar juntos o melhor para si e para os outros.

### **38. Simplicidade e alegria, suavidade e força**

Pe. Luís Guanella nos transmitiu estas ultteriores qualidades, com uma sabedoria pedagógica que se destaca sobretudo pelo seu grande equilíbrio.

A simplicidade, procedimento natural e espontâneo com o próximo, não é superficialidade nem artificialidade de comportamento, mas expressão verdadeira dos próprios pensamentos e sentimentos, facilmente compreensível até para quem tem notável dificuldade de comunicação.

A alegria, que reflete exteriormente o prazer do encontro com o outro, não é um comportamento irreverente, mas manifestação sincera de

uma conduta jovial e acolhedora.

A suavidade evita um tratamento brusco e complicado; usa, ao invés, maneiras cordiais feitas de cortesias e atenções.

“A doçura, porém, seja séria e não permita que cada um se comporte conforme seu interesse. Na educação, é preciso estar atento a um sentido de falsa compaixão, que produz caracteres moles e sem energias. À suavidade acrescenta-se também a força: com paciência e energia, se estimule quem se inclina às tentações da preguiça e da comodidade” .

### **39. Familiaridade**

Nossas instituições querem distinguir-se por uma atmosfera de cordial familiaridade, que torna atraente o estar juntos e faz as pessoas sentirem-se à vontade.

Nelas, portanto, se dá particular atenção a todos aqueles fatores que favorecem um clima de família: o sentido da acolhida, a generosidade no serviço recíproco, o interesse sincero para o crescimento de cada um.

Cada relação se desenvolve de tal modo que a autoridade não inculca temor, nem as várias diferenças de idade ou de ofício impedem o diálogo espontâneo nas múltiplas ocasiões cotidianas. Cada um, até mesmo o menor e o mais frágil, deve sentir-se útil e estimado e encontrar o modo de exprimir com naturalidade as suas capacidades.

Como numa boa família, pensa-se a não “restringir demasiado” aquela liberdade que a razão pode permitir e que ajuda a manifestar as próprias aptidões e a fazer frutificar as qualidades

da mente e do coração.

Ao mesmo tempo, considera-se importante uma disciplina equilibrada e subordinada às necessidades do serviço: sua função é a de tutelar o bem comum diante dos egoísmos, favorecer um desenvolvimento ordenado das relações entre as pessoas e das atividades e infundir segurança em todos.

#### **40. Compromisso e serenidade**

Outras importantes características das nossas instituições são um forte compromisso operativo e um grande espírito de sacrifício por parte de todos.

Cada um procura dar a própria contribuição cotidiana de trabalho, de sofrimento e de oração para o crescimento das pessoas e o bem-estar material e moral da própria instituição.

Ninguém deve considerar-se incapaz, ou que não tem nada para dar, mas todos devem empenhar-se com espírito de sacrifício e, ao mesmo tempo, com tranqüilidade e sem deixar-se dominar pela ansiedade.

Com efeito, um clima de grande serenidade deve permear nossos ambientes, que se propõem,

como meta educativa indispensável, de colocar as pessoas em condição de estarem contentes e de se sentirem sustentadas em todo momento por sinais de amor e razões de esperança.

As inevitáveis tensões, portanto, devem ser superadas com o diálogo, com a aceitação cordial dos outros, com a confiança recíproca e a busca sincera do bem comum, não do interesse próprio.

Diante de inevitáveis erros e falhas, todos devem abrir o coração para o perdão e para a compreensão, cientes de que errando se aprende, e, das experiências negativas, tirar uma lição para a vida.

Valoriza-se, enfim, a festa, na variedade de suas formas, como linguagem expressiva e acessível a todos, para manifestar aquela serenidade sempre reencontrada e partilhada, que contagia e une os corações.

#### **41. Moralidade e religiosidade**

“Em nossas casas, todos melhorem dia a dia a si mesmos e sejam úteis aos outros para um bom progresso na virtude. A moralidade é a meta mais desejada da casa”.

Em sintonia com este convite do Fundador,

nossas instituições devem manifestar uma forte tensão moral, que encoraja as pessoas na superação do mal e na conquista dos verdadeiros valores.

Em nossas instituições procura-se prever e afastar tudo o que ofende o sentido moral e propor atitudes e comportamentos que tornam a vida bela aos olhos de Deus e dos homens, como a retidão, a justiça, compreensão recíproca, a concórdia e a solidariedade para com os mais fracos.

Nossas instituições alcançam o clima ideal quando nelas se percebe a presença de Deus Pai Providente, que infunde serenidade e confiança na vida, e todos se comprometem a viver d'Ele e a testemunhar sua bondade.

Nelas devem, portanto, transparecer o louvor e o agradecimento contínuo ao Senhor, através da vida e da palavra, e ser evidente que, com o empenho de todos, está realizando-se o projeto de Deus.

## *Capítulo quarto*

### CRITÉRIOS OPERATIVOS GERAIS

#### **42. «Pão e Senhor»**

Com esta fórmula significativa, o Fundador nos confia o compromisso, na promoção das pessoas e dos povos, de visar contemporaneamente sua elevação natural e sobrenatural.

No serviço educativo nos interessamos tanto pelas necessidades relativas à esfera “humana”, isto é, físicas, psicológicas, éticas e sociais, como pelas relativas à esfera religiosa, e procuramos a ambas dar uma resposta.

Propomo-nos não separar a promoção das dimensões física e psíquica da pessoa, da evangelização, mas mantê-las em estreita conexão entre si, como dois aspectos necessários da única missão educativa.

Evitamos, portanto, reduzir a evangelização somente ao compromisso de crescimento “humano” e damos lugar à celebração da própria fé e ao anúncio de Jesus Cristo.

Ao mesmo tempo, não circunscrevemos a ação educativa somente ao campo religioso e moral, mas alargamos a intervenção aos problemas hu-

manos e temporais, com a vontade de que cada um seja reconhecido em sua dignidade e alcance a plenitude de vida.

### **43. Primazia do coração sobre a técnica**

Nossa ação educativa pretende utilizar as atividades e os instrumentos mais idôneos para a promoção da pessoa, sejam estes tradicionais ou então sugeridos por uma comprovada pesquisa científica, desde que respeite a visão cristã da vida humana.

Consideramos, porém, que cada atividade e proposta educativa desenvolvem toda sua força promocional se forem veiculadas por uma autêntica relação interpessoal, caracterizada pelo afeto, pela confiança e pelo otimismo.

É precisamente este tipo de relação que faz a pessoa sentir-se aceita, entendida e amada em sua condição, e a torna disponível a acolher a intervenção formativa.

Por outro lado, uma relação educativa, sem adequadas atividades específicas, oferece respostas apenas parciais às necessidades do indivíduo e não lhe dá suficientes possibilidades de crescimento integral.

Em nossa ação, procuramos, portanto, compor juntos, de modo harmônico, a técnica e o amor, para que assim o amor seja a alma que dá vida à técnica e esta seja um instrumento válido à serviço da força criadora do amor.

#### **44. Realismo**

Na elaboração e na atuação dos projetos, nos empenhamos a procurar e a avaliar os problemas reais, as exigências e as possibilidades de cada um, dos grupos e dos povos.

Esforçamo-nos, portanto, em deixar de lado os preconceitos e as pré-compreensões e em respeitar sua dignidade, sua história e seus projetos.

Mesmo mantendo o idealismo das finalidades educativas, se adaptam os objetivos aos dons de natureza e graça de cada um e se proporcionam os compromissos e os pedidos à suas forças efetivas.

Por isso, não se buscam ótimos resultados de qualquer modo; têm-se, ao invés, presente, sobretudo, as necessidades existenciais e se tem como objetivo a serenidade fundamental das pessoas e o crescimento de sua capacidade e alegria de viver com os outros.

Enfim, ao programar nossas intervenções, leva-se em conta os recursos realmente disponíveis e não se criam expectativas às quais presumivelmente não se poderá oferecer uma resposta.

#### **45. Valorização do cotidiano**

No processo educativo das pessoas, não colocamos nossa confiança em momentos “mágicos” ou em circunstâncias extraordinárias, mas, sem omitir oportunidades particulares, valorizamos as possibilidades oferecidas pela vida cotidiana com seus ritmos.

Cada situação de compromisso e de fadiga ou de distensão e de festa, de serenidade ou de preocupação, pode tornar-se importante e significativa, assim como acontece na vida de uma família unida.

Por isso, procuramos transformar em ocasião de crescimento seja a relação com os outros, como os acontecimentos, as coisas mais simples e cada experiência, mesmo aquela marcada pelo sofrimento ou pelo erro.

Assim também ajudamos as pessoas a não evadir-se da própria realidade na busca de uma condição imaginária, mas a aceitá-la serenamen-

te, a descobrir nela as potencialidades para o bem e a transformá-las em instrumento de melhoramento próprio e dos outros.

#### **46. Atenção preferencial pelos mais fracos**

“Quanto mais uma pessoa é miserável, desprovida de meios e privada de proteções humanas, tanto mais deve ser preferencialmente recebida e ajudada por nós. O mais abandonado entre todos, vós o deveis recolher e colocar à mesa convosco e deveis fazê-lo vosso”.

O Fundador nos indica claramente que as atenções mais delicadas e os melhores cuidados, devem ser reservados a quem é maiormente provado no corpo e no espírito, independentemente da religião ou cultura à qual pertence.

Isso comporta que, ao oferecer acolhida e ajuda, devem ser preferidos os que se encontram em situação de abandono moral e em estado de maior pobreza. Comporta também que, na elaboração e realização dos programas, suas necessidades devem estar em primeiro lugar.

E, como numa família bem organizada, todos se esforçam em circundar de amor especial quem é acometido pelo sofrimento e por ele sacrificam

o tempo e as energias disponíveis, mesmo quando não há certeza sobre o resultado, assim, em nossas instituições, todos se comprometem a pensar e prover aos mais fracos e se preocupam para que sejam investidas em seu favor as melhores energias materiais e morais.

Este critério deve ser atuado, para cada um no âmbito de uma instituição, para os grupos no âmbito de uma nação e para os povos no âmbito da humanidade inteira.

#### **47. Compromisso pela promoção do ambiente sociocultural**

Enquanto atuamos as intervenções mais oportunas para a promoção integral das pessoas, nos preocupamos ao mesmo tempo em agir para que o ambiente sociocultural no qual estão inseridas, não só não obstaculize seu crescimento, mas ofereça sempre melhores possibilidades.

Com efeito, estamos convencidos de que o contexto sociocultural, como terra na qual os indivíduos estão enraizados, condiciona mais ou menos fortemente e às vezes determina seus comportamentos.

Neste compromisso educativo a respeito do

ambiente, procuramos antes de tudo conscientizar a família e a sociedade sobre seu dever de oferecer uma qualidade de vida e de relações interpessoais respeitadas da dignidade da pessoa e favoráveis a seu pleno desenvolvimento.

Esforçamo-nos, pois, em intervir, tanto no ambiente familiar como no social, para fazer crescer neles a atenção às fundamentais exigências biológicas, psíquicas e espirituais das pessoas e para ajudá-los a responder a elas de modo adequado.

A este respeito, apoiamos as famílias e as instituições sociais, tanto na superação das dificuldades que freiam uma melhor qualidade da vida e das relações interpessoais, como na busca e valorização dos recursos humanos e materiais à sua disposição.

Esta educação do ambiente é condição indispensável não somente para o crescimento das pessoas, mas também para a promoção de uma sociedade solidária e fraterna, já que a solidariedade e o entendimento no interior de um povo e entre os povos começam pelo ambiente familiar e territorial.

#### **48. Colaboração com a família e a sociedade**

Com a nossa atividade educativa não pretendemos substituir a tarefa e as responsabilidades da família e da sociedade, mas colocar-nos a seu lado para encorajá-las e sustentá-las para que desenvolvam, no melhor modo possível, sua missão de promoção das pessoas e dos povos.

Na ausência da família natural ou adotiva, solicitamos o envolvimento dos parentes mais próximos.

Enquanto com o nosso serviço oferecemos respostas às necessidades existenciais e educativas, às quais a sociedade e a família não sabem ou não querem prover, procuramos, todavia, solicitá-las a tomar sempre mais consciência de sua tarefa educativa e a assumir responsabilmente e em todo seu alcance os compromissos que disso derivam.

Estimulamo-las a enfrentarem, com sabedoria e coragem, as situações particularmente difíceis e os problemas mais complexos, e a procurarem, antes de tudo no próprio ambiente, os recursos de pessoas e de meios necessários para dar respostas adequadas, antes de delegar a outros o mandato de atuar soluções satisfatórias.

Além disso, as ajudamos a melhorar sua capacidade e incidência formativas e a cumprirem por

si mesmas um caminho de autoformação.

Reconhecendo à família e à sociedade um papel prioritário na promoção das pessoas, por um lado fazemos nossos os seus projetos na medida em que promovem verdadeira e integralmente a dignidade humana; por outro lado, as envolvemos na medida do possível, em nossos projetos.

Procuramos, em todo caso, encontrar uma linha comum sobre objetivos, métodos e intervenções, para que se proceda juntos na busca do pleno desenvolvimento das pessoas e dos povos.

#### **49. Participação ativa**

Na condução da ação educativa, tende-se ao envolvimento responsável de todos os membros da comunidade educativa, segundo o papel e as capacidades de cada um, para assim fazer com que todos sejam protagonistas e não simples executores do trabalho pedagógico.

A participação deve ser estendida a todo o projeto local e a todas as fases de sua elaboração e atuação.

Isto exige que, no planejamento e no desenvolvimento das atividades, seja respeitado o princípio da subsidiariedade e se confie a cada um, na

medida de suas forças, encargos de responsabilidade.

Além disso, a participação ativa exclui que se atue de modo individualista e compromete a procurar de boa vontade o parecer dos outros e a colocar em comum idéias e experiências, dispostos a encontrar juntos o melhor caminho.

Este critério de participação não deve ser sacrificado em favor da eficiência, mas deve ser salvaguardado, mesmo quando poderia comportar, no momento, um maior consumo de tempo e de energias ou a renúncia a planos mais eficientes, mas menos participativos.

## **50. Inserção no contexto sócio-cultural**

Ao atuar nosso serviço, nos preocupamos vivamente em encarnar, na cultura local, nosso sistema de vida e de educação.

Para esse fim, nos comprometemos a entrar em sintonia com o ambiente sócio-cultural, a fazer nosso seu patrimônio de valores, de usos e costumes, e a assumi-los criticamente no estilo educativo.

Procuramos, ao mesmo tempo, reler o carisma guanelliano à luz da história e da cultura locais e

atualizá-lo em uma específica experiência existencial e educativa, na qual se fundem harmonicamente em unidade a riqueza de valores do nosso carisma e aquela da cultura local.

É nossa intenção, pois, participar plenamente da vida da comunidade civil e religiosa na qual estamos inseridos, compartilhar seus problemas e suas esperanças e colocar nossas energias à serviço de quem nela vive em situação de dificuldade material, moral e social.

Mesmo sem limitar nosso raio de ação ao âmbito territorial, coordenamos nossa atividade com os programas da realidade social e colocamos à disposição nossas forças para a promoção dos pobres e a construção de uma sociedade mais solidária e fraterna.

Procuramos, porém, estimular o ambiente a abrir-se ao conhecimento e à acolhida dos valores do sistema guanelliano de vida e de educação, e de enxertá-los no dinamismo da própria história e organização social.

## **51. Abertura universal**

Nossa ação educativa é dirigida às pessoas necessitadas e aos povos de toda estirpe, cultura e

religião. É também aberta à colaboração não somente de quem partilha nossa fé, mas de qualquer pessoa de boa vontade, que se interessa pelos pobres e pelo advento da civilização do amor.

Esta abertura universal e ecumênica exige compreensão e respeito recíprocos.

Ninguém, portanto, assume atitudes de juiz das outras filosofias e religiões, mas todos são disponíveis a procurar e acolher seus valores e a trabalhar em base aos valores comuns.

Cada um se esforça, em manter com os outros umas relações cordiais de estima e de confiança, e, acima das diferenças, em procurar a unidade ao redor da realidade de ter a mesma dignidade e de ser irmãos e irmãs.

Dá-se a cada um a possibilidade de desenvolver a própria vida espiritual e religiosa, e de caminhar na busca da verdade. Não se omite, contudo, de oferecer, com respeito à liberdade alheia e, ao mesmo tempo, com convicção, a proposta da fé cristã, recordando que conta mais o testemunho dos fatos do que as palavras.

A abertura à outras filosofias e religiões não deve significar a renúncia à identidade cristã de nossa pedagogia: com delicadeza e com decisão, exige-se que todos a respeitem e que aqueles que

trabalham em nossas instituições adequem a ela suas intervenções educativas.

## **52. Unidade e valorização das diversidades**

Diante das diversas características das pessoas e dos povos, seguimos o critério de lê-las e valorizá-las em função da unidade.

Consideramo-las como manifestações da infinita riqueza de Deus e, ao mesmo tempo, como realidades complementares, pelas quais os indivíduos e os grupos humanos se enriquecem mutuamente.

Conscientes de que todo povo e toda pessoa possuem carismas próprios, procuramos com grande atenção descobri-los, tomar consciência deles e desenvolvê-los.

Propomo-nos também incentivar as pessoas a colocarem os próprios dons à serviço do bem comum, a assumirem e viverem as diferenças como ocasiões preciosas de encontro e diálogo.

## Terceira Parte

# COMUNIDADE EDUCATIVA

### *Capítulo primeiro*

#### IDENTIDADE

### **53. Natureza**

Nossa ação educativa se realiza dentro de uma comunidade que é, ao mesmo tempo, sujeito operativo, fonte e veículo de mensagens educativas, já que não só atua intervenções formativas, mas ela mesma é uma proposta e caminho educativo.

A partir do modelo da família, que é o pano de fundo de nossa concepção pedagógica, a comunidade educativa é um organismo vivo, cujos membros, inspirando-se num ideal educativo comum, estão unidos pela mesma tarefa de atuar responsabilmente a promoção integral das pessoas e dos povos, segundo os valores da pedagogia guanelliana.

A comunidade educativa, portanto, é um grupo estruturado no qual, mediante relações interpessoais sempre mais autênticas e intercâmbio contínuo de propostas, todos os membros podem experimentar concretamente os autênticos valores re-

lativos à pessoa e à sociedade.

E dado que a nossa é fundamentalmente uma educação cristã, a comunidade é chamada a ser lugar em que nos encontramos com o anúncio da fé e podemos fazer experiência do projeto de vida proposto por Jesus.

#### **54. Estilo familiar**

Cada comunidade educativa guaneliana, na estruturação e na vida, se propõe espelhar-se, na medida do possível, ao modelo familiar e assumir suas características mais genuínas.

Considera, portanto, todos os membros como amigos e irmãos, superando as diferenças de idade, cultura e condição social. Não deixa ninguém de lado, mas sabe acolher e tratar as pessoas com generosidade e ternura de coração.

Ao elaborar projetos e colocá-los em prática, a comunidade educativa está constantemente atenta ao crescimento integral e às necessidades dos seus membros.

Sabe valorizar recursos ordinários e extraordinários, antigos e novos, sem nunca desanimar diante das dificuldades.

Ciente de sua pertença à sociedade em que

vive, não circunscreve os interesses e as ações exclusivamente ao serviço educativo da instituição. Pelo contrário, estende a atenção e a atividade ao ambiente em que está inserida.

Mantém os olhos abertos sobre as urgências da caridade e coopera na realização de respostas adequadas.

Como comunidade de fé, abre-se ao mundo de Deus em todo o seu mistério e nele descobre a origem e o modelo para si mesma.

Age com a consciência de ter sido reunida por Deus para colaborar no seu projeto de salvação da humanidade, e assim, com seu trabalho de promoção, torna-se instrumento da bondade e providência do Pai para com todos, especialmente para com os mais necessitados.

## **55. Membros**

Em todas as nossas instituições, a comunidade educativa é formada por todos aqueles que, por várias razões, estão envolvidos no projeto educativo local.

Abrange, portanto, a comunidade local da Família guanelliana, os agentes setoriais, as pessoas confiadas ao nosso serviço, suas famílias e todos

aqueles que cooperam de perto e de modo contínuo para a ação formativa.

Todos estes, ainda que em graus diversos, compartilham a responsabilidade do projeto inteiro.

Segundo o próprio ofício e competência, participam, como protagonistas, da elaboração e atuação do projeto, colocando à disposição suas capacidades naturais, morais e profissionais.

## **56. Deveres e direitos**

Todo membro da comunidade educativa pelo fato de trabalhar ou ser acolhido em uma instituição guanelliana, tem o dever de conhecer, aceitar e respeitar o projeto educativo local e favorecer sua atuação.

Todo o pessoal que trabalha nas várias funções tem a grave obrigação de qualificar a própria ação com uma adequada competência profissional, moral e guanelliana.

Cada membro possui o direito de ter seu próprio campo de ação, de usufruir dos instrumentos aptos ao desenvolvimento das tarefas a ele designadas, de dar uma contribuição pessoal de idéias na elaboração do projeto educativo local e das

respectivas programações.

Cada um tem também o direito, segundo os princípios da justiça, ao respeito de suas exigências pessoais, familiares e sociais e, se possui um contrato de trabalho, a uma justa remuneração.

Além disso, as pessoas acolhidas em nossas instituições têm direito a receberem idôneas ações educativas, em resposta a suas específicas necessidades e em vista de seu crescimento integral.

## **57. Estrutura articulada**

A comunidade tem uma estrutura variada e diferenciada, mas unitariamente coordenada. Cada membro tem sua tarefa específica e sua responsabilidade, dispondo da autonomia necessária para o desenvolvimento do próprio ofício. Atua, porém, sempre em estreita união com os outros membros, segundo os diversos níveis, coordenando a própria ação com a de todos, para a obtenção dos objetivos comuns e a realização dos programas estabelecidos.

A unidade, em nível de projeto e em nível operativo, é assegurada por um grupo de pessoas que, sob a guia de quem tem a responsabilidade última, e em profundo acordo entre eles, têm a tarefa

de cuidar, tornar efetiva e acompanhar a elaboração, a atuação e a verificação do projeto e dos planos educativos e de conduzir sua atuação.

A fidelidade da vida e da ação educativa à inspiração guanelliana é garantida, de modo particular, pelos membros da família guanelliana presentes. Estes, mesmo aqueles que não estão diretamente envolvidos na atividade educativa, são o núcleo animador da comunidade e devem manter vivos os valores pedagógicos guanellianos, com o testemunho de vida e com a palavra.

Sua tarefa é cuidar para que o estilo e o espírito guanelliano permeiem as relações interpessoais, o ambiente e a atividade, e animar a todos no compromisso de serem «aqui e agora» os sinais e os portadores do amor de Deus para as pessoas prejudicadas.

## **58. Objetivo geral**

O objetivo geral da comunidade é a realização da missão educativa guanelliana em um determinado ambiente sócio-cultural. Esta tarefa constitui a razão de sua existência.

Por conseqüência, seu compromisso principal, para o qual todos os outros devem confluir, é o de

visar à consecução das finalidades de nossa obra caritativa segundo um específico projeto local.

Ao redor deste projeto a comunidade deve fazer girar toda sua vida e atividade, e na sua realização deve orientar a própria organização, como também ativar planos e programas adequados, investindo todos os próprios recursos.

## *Capítulo segundo*

### TAREFAS

#### **59. Transmitir conhecimentos e valores**

A tarefa principal da comunidade, em relação aos seus membros, é transmitir e favorecer a aquisição tanto dos conhecimentos técnico-práticos, instrumento importante para o crescimento do homem, como também dos valores humanos, cristãos e guanellianos.

Em relação aos valores, a comunidade não deve limitar-se à apresentação do seu significado e importância, mas deve fazer com que cada um os faça próprios, com liberdade e convicção, os ame e os viva, adequando a eles os pensamentos, os sentimentos e as ações.

E, dado que as pessoas seguem mais os exemplos do que as palavras, a comunidade é chamada a testemunhar na vida de cada dia o que se esforça em transmitir com a palavra.

#### **60. Promover a participação**

Já que todos os membros são chamados a colaborar na realização do projeto educativo lo-

cal, a comunidade tem também a tarefa de criar e fazer crescer a participação através daquelas formas que a tornam efetiva.

Respeitando a cultura e a tradição local, promove no interior da instituição os vários níveis de participação, assim como deseja o Fundador: “Será especialmente bendita a casa, quando todos e cada um dos seus membros se dedicarem intensamente na busca do bem-estar moral, espiritual e econômico da mesma”.

Procura também estender a participação às forças sociais e religiosas da região, para que se desenvolva o sentido de solidariedade e se atuem válidas iniciativas para a elevação material e moral dos pobres.

## **61. Atuar um ambiente formativo guaneliano**

O ambiente não é só o lugar onde se desenvolve a atividade educativa, mas é sobretudo uma realidade viva na qual as pessoas, as situações e as coisas concorrem para formar o indivíduo e, ao mesmo tempo, são por ele modeladas.

A comunidade, portanto, tem a tarefa de construir um ambiente que, por um lado, favoreça ao máximo o crescimento das pessoas, e, por outro,

possua e desenvolva uma sua própria força formativa, para assim favorecer a interiorização e a difusão de válidos modelos de vida.

Esta tarefa empenha seja na busca de tudo o que cria e faz crescer um clima guanelliano, quanto na prevenção de costumes e mentalidades negativas.

Tal empenho não se limita a alguns momentos particulares, mas é contínuo e cotidiano. Com efeito, o ambiente, enquanto realidade viva, exige cuidado e atenção permanente.

## **62. Cuidar de uma apropriada formação pessoal**

A comunidade é chamada a desenvolver o próprio serviço com competência educativa e pastoral e na fidelidade aos valores da pedagogia guanelliana.

Daqui nasce a tarefa de preocupar-se para que todos os seus membros possuam uma adequada preparação humana, técnico-profissional e guanelliana: pois isso lhes permite desenvolver melhor sua capacidade formativa e tornar sua ação sempre mais qualificada e incisiva.

E, dado que as pessoas e as situações evoluem

continuamente, as ciências humanas progridem e a dimensão pedagógica guanelliana é cada vez mais conhecida e assimilada, a formação não pode nunca ser considerada acabada, mas deve prosseguir no tempo com renovado ímpeto e vontade.

A comunidade, portanto, ao mesmo tempo em que exige dos próprios membros uma formação de base apropriada ao ofício de cada um, promove atividades específicas para sua formação permanente e favorece a sua participação.

Contudo, cada membro em particular deve também preocupar-se e cuidar da própria formação. “Cada um, escreve o Pe. Luís Guanella, se aperfeiçoe em seu ofício; é preciso estudar e faticar para dar novidade ao próprio ofício”.

### **63. Elaborar e atualizar o projeto educativo local**

Os princípios e as orientações gerais de nossa pedagogia devem ser conjugados com os valores da cultura local e traduzidos num projeto específico.

A comunidade, portanto, deve formular o próprio projeto educativo baseada na análise e na

avaliação da própria realidade, no contexto sócio-cultural, nas necessidades e capacidades das pessoas.

Elabora-o tendo como fonte e guia o presente documento e faz com que todos possam dar a própria contribuição de idéias e experiência.

Tal projeto, dado que é ponto de referência estável para toda atividade pedagógica local, deve ser codificado e periodicamente avaliado e atualizado. Desta maneira supera-se a subjetividade, garante-se a continuidade e a eficácia na mudança das situações, e são acolhidas, além das contribuições provenientes das ciências, aquelas sugeridas pela experiência.

Segundo as exigências e as tradições da cultura local, com a ajuda de oportunas técnicas, é feita, periodicamente, uma séria programação e uma cuidadosa avaliação e revisão.

#### **64. Dar-se uma organização adequada**

Uma boa organização confere maior eficácia e eficiência à ação educativa, favorece a tranqüilidade nas relações interpessoais e é instrumento válido para manter um clima de serenidade e de respeito recíproco.

A comunidade, ao assumir e exercer esta ulterior responsabilidade organizativa, ordena de modo orgânico as estruturas, os recursos e as atividades, evitando assim a dispersão de preciosas energias morais e econômicas e valorizando as possibilidades das quais dispõe.

Define com clareza os campos de ação e os níveis de participação de cada um e dos grupos, determina funções, tarefas e encargos, tendo em conta a competência de cada um, e coordena com sabedoria as várias atividades, para que tudo con-virja para a realização dos objetivos propostos.

Determina com exatidão as finalidades e as modalidades de uso dos meios e das estruturas, e, se for conveniente, codifica todos estes aspectos em um regulamento.

## *Capítulo terceiro*

### FUNÇÕES

#### **65. Direção**

Consiste em guiar e conduzir, com clareza e segurança, a comunidade na realização do projeto educativo.

Compete à direção a responsabilidade última das pessoas, do projeto, da organização e do ambiente, como também a de designar tarefas e definir âmbitos de ação, assegurar os meios necessários e vigiar sobre o correto desenvolvimento da ação educativa.

Tal função deve ser exercida com espírito de ampla visão, de humildade e de serviço, nunca como abuso de poder. A autoridade deve unir-se com a suavidade, de modo que não falte nunca a caridade e se sirva da escuta e do diálogo como meios de colaboração.

A tarefa de direção é confiada a um membro da família guanelliana ou a uma outra pessoa com adequada preparação profissional e guanelliana, nomeados pela autoridade competente da “Obra don Guanella”.

#### **66. Animação**

Consiste em manter vivo o estilo educativo guanelliano e estimular os membros da comunidade a assimilá-lo e fazê-lo próprio.

A quem desenvolve tal função, cabe a tarefa de oferecer, para as pessoas, autênticas motivações interiores, estimulá-las a uma participação criativa e sustentá-las no desenvolvimento de suas atividades, para que assim cresça em todos a adesão aos valores da pedagogia guanelliana e o compromisso na realização do projeto.

No exercício concreto de animação, devem ser usados o encorajamento e a paciência, dando confiança às pessoas e levando em consideração o caráter, as capacidades e os limites de cada um. Além disso, deve-se prestar muita atenção na mentalidade do povo e na cultura do lugar.

Tal função compete prioritariamente a um membro da família guanelliana, sem excluir outras pessoas que tenham assimilado tanto o espírito como o estilo pedagógico guanelliano e deles dêem testemunho.

## **67. Programação e coordenação**

Consiste em traduzir o projeto educativo local em programas concretos, realizáveis e adequados

a toda pessoa e em fazer convergir harmonicamente as ações dos vários operadores de atividades para os objetivos estabelecidos.

Isso comporta elaborar e colocar em prática um planejamento setorial e individual com a contribuição das várias disciplinas, valorizando o contributo de todos, mesmo dos mais limitados. Exige também que sejam modificados e atualizados oportunamente os programas devido à constante evolução dos problemas e das necessidades.

Quem tem esta responsabilidade deve estar atento às necessidades reais da instituição e de cada pessoa, preocupar-se sempre com a unidade da comunidade educativa e ser capaz de superar e ajudar a superar o espírito individualista e os caprichos pessoais.

Tal função compete aos responsáveis de cada setor e de cada grupo em conexão com a direção.

## **68. Ação educativa direta**

Consiste em atuar a intervenção educativa através de uma relação direta com as pessoas, na qual cada um dá e recebe um estímulo formativo.

Comporta a busca e a atuação de atividades concretas, voltadas para a promoção de cada pes-

soa em particular e do grupo, dentro de um projeto e de uma programação estabelecidos.

Deve ser exercida com grande bondade de coração, com firme confiança nas possibilidades das pessoas, com afabilidade e paciência na aceitação dos diferentes ritmos de crescimento, sabendo compreender os erros e estimular para a correção.

Tal função compete, de modo específico, aos que desempenham um ofício propriamente educativo e às famílias das pessoas que nos são confiadas; em geral, e em medida diferente, diz respeito também aos destinatários de nosso serviço e aos outros membros da comunidade, já que todos são chamados a se empenharem para o crescimento próprio e dos outros.

## **69. Administração**

É a função de quem administra o setor dos bens materiais que servem de suporte à atividade educativa e, enquanto tal, é parte integrante do projeto educativo local.

Consiste em prover, organizar e cuidar sabiamente dos meios e estruturas, de modo que seja garantido o sereno e regular desenvolvimento da atividade educativa.

Compete ao responsável direto deste setor prover às necessidades materiais, melhorar o desenvolvimento das estruturas, conforme às exigências das pessoas e no respeito das normas sociais e jurídicas, e programar as mudanças oportunas, em estreita união com a direção.

No exercício desta função, é preciso agir com a consciência de que os bens materiais são dons da Providência divina, manter uma serena confiança em Deus, que é Pai solícito para com seus filhos, e respeitar as exigências da justiça social.

Tal função compete, em sentido estrito, ao encarregado direto da administração e a seus colaboradores; em sentido mais amplo, compete também ao pessoal responsável dos vários serviços.

## **Quarta Parte**

### **ROTEIROS EDUCATIVOS**

#### **70. Introdução**

Nossa missão, mesmo mantendo-se aberta a todo gênero de pobreza material, moral e espiritual, orienta-se preferencialmente em favor daquelas categorias de pessoas e daqueles grupos que o Fundador confiou de modo especial aos nossos cuidados.

Os destinatários de nosso serviço são, de modo particular: as crianças, os adolescentes e os jovens em estado de abandono material ou moral; as pessoas idosas ou portadoras de necessidades especiais, em nível psicofísico, que estão privadas de apoio humano e sem os cuidados e assistência necessários; o “povo pobre”, isto é, aqueles grupos e multidões que são marcados por grave pobreza social e religiosa.

Cuidam deles, de modo específico, os nossos centros operativos e o fazem seguindo os roteiros educativos aqui propostos.

## ***A. PROMOÇÃO DAS PESSOAS***

### *Capítulo primeiro*

CENTROS EDUCATIVOS - REABILITATIVOS - ASSISTENCIAIS

#### **a) Objetivos**

#### **71. Formação para a vida de crianças, adolescentes e jovens**

São várias as categorias de crianças, adolescentes e jovens confiados às nossas atenções: uns precisam principalmente de alimento, outros de acompanhamento educativo e outros ainda necessitam reconstruir a própria personalidade.

Preocupamo-nos com a saúde do corpo de todos eles, pois é um fator importante para o equilíbrio da pessoa.

Por isso, enquanto procuramos tirá-los daqueles riscos que podem comprometer sua integridade, visamos ao desenvolvimento harmônico de suas capacidades físicas, educando-os a cuidarem do próprio corpo e a usarem sabiamente as próprias energias.

Para a formação do caráter atuamos no plano

psíquico, e os educamos ao sentido da dignidade própria e dos outros, a projetar e construir a própria existência baseada em fortes convicções éticas e a participar ativamente da vida social.

Objetivos importantes, aos quais queremos conduzi-los, são: a aceitação serena da realidade – de si mesmos, dos outros, do mundo e da história –, a descoberta das atitudes pessoais e a séria preparação para a própria missão.

Quanto à dimensão religiosa, nossa intenção é conduzi-los à uma adesão convicta a Jesus Cristo, amigo fiel, a segui-lo nos ideais que Ele propõe e a viver a fé da Igreja junto com a própria comunidade.

Apresentamo-lhes, de uma maneira toda especial, a imagem de Deus, Pai Providente, que infunde confiança, segurança e alegria, e os convidamos a imitar sua bondade, colocando-se à disposição de seu projeto de amor para a humanidade.

A respeito dos que seguem uma outra religião, lhes fazemos conhecer e lhes propomos livremente a nossa fé, porém, ao mesmo tempo, lhes fornecemos os meios e as ocasiões para que possam viver e aprofundar seu credo religioso.

## 72. Assistência e sustento a pessoas idosas

“A velhice - nos recorda o Pe. Luís Guanella - é em si mesma venerável aos olhos do verdadeiro filósofo e do verdadeiro cristão. Os idosos e os inválidos são pessoas sofredoras física e moralmente e é preciso olhá-los com os olhos da fé, mais do que fisicamente”.

Estimulados por estas palavras do Fundador, nos dedicamos ao cuidado de sua saúde física, dirigindo atenções e intervenções sobretudo à manutenção, na medida do possível, de suas faculdades sensório-motoras, para assim retardar o processo de decadência das energias físicas.

Idênticas atenções dirigimos ao seu mundo psíquico e ao processo de maturação levado adiante no decurso da vida. Com efeito, cada ser humano é uma vida em crescimento, desde o primeiro momento de sua existência até ao último respiro.

Por isso pretendemos levá-las a uma serenidade que abra ao sentimento positivo de si mesmas e da própria situação, faça tirar da própria experiência uma visão mais serena da realidade e da vida, e leve à aceitação cordial dos outros.

Assim também, tendo presente que não só as

suas forças físicas mas também as forças psíquicas diminuem, nos propomos estimular sua vitalidade interior e as capacidades relacionais e criativas das quais são capazes, para que se sintam membros vivos e preciosos da sociedade.

Nas pessoas idosas é particularmente viva a necessidade religiosa.

Ajudamo-las, portanto, a cultivar uma relação com Deus, caracterizada pela serena aceitação de sua vontade e por uma confiante oração, e a viver esta etapa da vida como tempo precioso para dar maior autenticidade à fé e preparar-se para o encontro definitivo com o Pai.

### **73. Cuidado e reabilitação global das pessoas portadoras de necessidades especiais**

A educação das pessoas portadoras de necessidades especiais, que a nossa tradição chama “bons filhos”, visa a sua reabilitação global, na maior medida possível, em vista da obtenção de uma melhor autonomia e de uma autêntica alegria de viver na relação com os outros.

Por isso, cuidamos de seu bem-estar físico, empenhando-nos não somente pela tutela da saúde, mas também por um crescimento harmônico,

pelo desenvolvimento das faculdades sensório-motoras e pela manutenção de sua eficiência.

Convictos de que, mesmo sendo limitadas na inteligência, possuem uma riqueza interior acima do comum, nos propomos guiá-las para o crescimento psíquico em todos seus aspectos.

Em particular, as ajudamos a amadurecer uma suficiente sensibilidade aos valores éticos, a ativar sua grande necessidade de dar e receber amor, a alcançar uma boa comunicação e integração com seus familiares e com os outros.

Quanto à esfera religiosa, nosso objetivo é conduzi-las a uma experiência autêntica, viva e jubilosa de Deus, dentro da própria comunidade, até à santidade.

Neste caminho de crescimento, elas não são obstaculizadas por sua desvantagem física e intelectual, mas, paradoxalmente, são capazes de se abrirem às coisas de Deus com uma disponibilidade que não põe condicionamentos à ação da graça.

## ***b) Critérios específicos***

### **74. Globalidade**

Com o termo globalidade queremos indicar a atenção constante, tanto à todas as dimensões do indivíduo, como à todas as etapas de sua existência.

Estamos convencidos de que a promoção vai além da superação dos limites e da satisfação de particulares necessidades, e de que não existem tempos inúteis para o crescimento da pessoa.

Tanto nos projetos, como nas atividades, deve-se levar em conta todas as áreas de maturação, sua unidade e interdependência, evitando o risco de dar prioridade à uma em detrimento de outras.

Aproveitam-se, depois, as possibilidades oferecidas pelas várias etapas da vida, jamais considerando concluído o trabalho de formação, como ensina o Pe. Luís Guanella: “o trabalho de instrução, de educação em geral e em particular, é trabalho de todo dia por todos os dias da vida”.

## **75. Respeito da individualidade**

A promoção das pessoas, embora tenha como referência um quadro comum de princípios e valores pedagógicos, não se desenvolve de modo idêntico para todos, mas segue caminhos personalizados, que levam à realização daquele projeto

de vida que corresponde às aspirações, atitudes e capacidades de cada um.

Critério guia na elaboração e atuação dos planos educativos individuais é, por um lado, a atenção constante ao projeto educativo local, e, por outro, o respeito e a valorização de tudo o que constitui a individualidade da pessoa: sua história e sua vivência, sua condição atual, sua cultura e seu ambiente social.

Sobretudo no caso específico das pessoas idosas e portadoras de necessidades especiais, os objetivos são estabelecidos em base a suas efetivas potencialidades pessoais e não em função da obtenção de modelos convencionais de comportamento, de modo que as propostas educativas não comprometam, séria e estavelmente, a serenidade das pessoas.

## **76. Progressividade e continuidade**

O critério da progressividade nos empenha a respeitar as várias fases do processo de maturação e a adaptar, vez por vez, as intervenções em proporção à idade, aos ritmos de crescimento e às forças de cada um.

Procuramos, portanto, evitar passagens bruscas

de uma fase para outra e não exigir respostas prematuras. Concede-se, ao invés, o tempo e a paciência necessários para que as várias propostas sejam adequadamente assimiladas pela pessoa.

Este critério integra-se depois com o da continuidade, pelo qual o trabalho é levado a cabo dia após dia, sem tempos vazios, sem saltos e sem alternar momentos de euforia e de frenética atividade formativa a momentos de paralisação.

Comprometemo-nos também a respeitar o caminho já percorrido e a prosseguir-lo com a contribuição das próprias capacidades, superando a tentação de recomeçar sempre de novo, sem levar em conta o trabalho desenvolvido anteriormente pelos outros.

Enfim, ao elaborar os planos educativos, tem-se em conta a necessidade de preparar e acompanhar as pessoas nas fases sucessivas de sua formação, mesmo se esta será atuada em um outro ambiente educativo.

## **77. Formação para os valores e para os hábitos**

Um válido instrumento para o nosso trabalho educativo é favorecer a aquisição de bons hábitos, ajudando as pessoas, segundo suas capacidades, a

fazê-los próprios. Com efeito, os bons hábitos são meios eficazes para lhes fazer alcançar liberdade e autonomia na gestão da vida cotidiana, pessoal e social.

Todavia, mantém-se sempre viva a tensão pessoal para a descoberta e para a interiorização dos verdadeiros valores, como condição indispensável para alcançar a maturidade.

Isto aplica-se também às pessoas com escassas capacidades intelectuais, tendo em conta, como nos ensina a experiência, que elas captam por intuição aqueles valores que as pessoas “normais” assimilam através do esforço de raciocínio e de reflexão.

Formação de bons hábitos e interiorização dos valores: ambos os critérios devem estar sempre presentes, mesmo se depois é tarefa de quem educa servir-se de um, mais do que do outro, conforme à situação real de cada pessoa.

## **78. Prioridade da vivência sobre a teoria**

Nossa ação dirige-se freqüentemente à pessoas com problemas de compreensão intelectual, mas disponíveis a acolherem os valores, ou, ao invés, à pessoas com capacidades intelectuais normais,

mas com dificuldades psicológicas no momento de acolher as propostas educativas.

Na educação, portanto, priorizamos a via experiencial àquela especulativa, pois a consideramos mais carregada de proposta formativa, mais incisiva e mais próxima ao estilo educativo de Deus para com a humanidade.

Sem omitir o ensino oral, ao transmitir conhecimentos e valores, oferecemos múltiplas ocasiões para que cada um possa aprendê-los mediante a experiência concreta da vida e o contato com a natureza, e, deste modo, assimilá-los em grau sempre mais seguro.

Na instrução, nos servimos preferencialmente não de conceitos abstratos, mas de exemplos concretos e de anedotas tirados da vida cotidiana e da história, assim que, enquanto torna-se mais fácil a compreensão dos conhecimentos e dos valores, indica-se também o caminho para vivê-los.

## **79. Educação em um contexto de grupo**

Nosso sistema educativo, segundo o pensamento do Fundador, é a educação em estilo de família.

Conseqüentemente, a relação educativa e o

caminho de promoção de cada indivíduo, acontecem normalmente no interior de um grupo, que constitui o veículo das mensagens formativas, com sua riqueza e variedade de relações interpessoais, de situações de vida e de estímulos educativos.

Por isso, por um lado, nos empenhamos a fundo para que as pessoas sejam bem inseridas no grupo, façam próprios os seus projetos e deles participem ativamente, e, por outro lado, para que o grupo se responsabilize do crescimento de cada indivíduo e o sustente em seu compromisso formativo.

Enquanto cuidamos da qualidade do desenvolvimento de cada um, nos preocupamos em tornar o ambiente de grupo agente de promoção.

Nossa atenção se dirige simultaneamente a cada um, em sua individualidade de problemas e de potencialidades, e ao grupo, como humo no qual a pessoa está enraizada e do qual vive.

### *c) Linhas de ação*

## **80. Introdução**

Entre as múltiplas linhas de ação aptas à pro-

moção das pessoas, aqui são propostas aquelas que mais correspondem ao pensamento e à práxis do Fundador e ao nosso hodierno sentir pedagógico.

Elas têm um caráter preferencial e não excluem a oportunidade de serem integradas com outras que a ciência e a experiência de outras pessoas consideram válidas.

Estas linhas valem em geral para todas as nossas instituições, que devem depois determinar com precisão, no próprio projeto educativo, o espaço que se deve reservar a cada uma, em base à cultura e às exigências das pessoas.

## **81. Instrução**

No cumprimento de sua missão educadora e pastoral, Pe. Luís Guanella preocupou-se, antes de tudo, em assegurar ao povo uma instrução adequada, considerando-a um direito de todos, também das pessoas deficientes mentais.

Para ele, a instrução é, ao mesmo tempo, formação da mente e do coração. Abrange, portanto, não só o ensino das matérias escolares, mas também a arte de viver. Para esta finalidade, deve transmitir os valores e as habilidades necessárias

para a solução dos problemas cotidianos, para a descoberta da própria vocação e para uma digna inserção na sociedade.

Em conformidade com seu pensamento, nos empenhamos em dar a todos, e em todas as nossas instituições, este tipo de instrução e conduzi-la de modo sério e programado, atentos às novas descobertas das ciências humanas.

Procuramos que seja intensa para as crianças, os adolescentes e os jovens no âmbito da escola e do estudo, que constituem sua principal ocupação.

Ministramo-la também às pessoas deficientes mentais, desfrutando todas as suas potencialidades de aprendizagem e as múltiplas possibilidades oferecidas pela técnica e pela experiência.

A instrução, em seu verdadeiro significado, não conhece limites de idade e deve continuar durante todo o percurso da vida.

Oferecemos, portanto, às pessoas idosas, a possibilidade de conservar e ampliar os seus conhecimentos e os interesses culturais, que contribuem para manter vivo seu mundo interior.

## **82. Higiene e reabilitação**

Na convicção de que todos têm direito à saúde, tanto física como psíquica, procuramos atuar intervenções de prevenção e de cura das doenças.

Por isso nos preocupamos com uma sadia e regular alimentação, com uma cuidadosa higiene pessoal, com um vestuário conveniente e decoroso, com adequados momentos de lazer e repouso, além de controles médicos periódicos e terapias, segundo cada caso em particular.

Ao mesmo tempo, comprometemo-nos a oferecer exercícios adequados que reforcem ou mantenham a eficiência das capacidades biofísicas.

Oferecemos também às pessoas idosas e deficientes aquelas terapias reabilitatórias psicofísicas que favorecem, na medida do possível, seu bem-estar global e a recuperação das faculdades comprometidas.

Na escolha das terapias, levamos em conta os critérios operativos, gerais e específicos, indicados por este documento, sua comprovada validade científica, a cultura local e as efetivas e racionais possibilidades de cada instituição.

### **83. Expressividade criativa, jogo e esporte**

Pe. Luís Guanella intuiu a importância, na

educação, de um espaço dedicado a expressões artísticas, ao divertimento e ao esporte. Considera-as ocasiões que revelam os sentimentos do espírito, criam vínculos de amizade, afastam a tristeza e a melancolia, animam o ambiente e tornam o ritmo cotidiano mais sereno e menos monótono.

Programamos e atuamos, portanto, várias e múltiplas atividades deste tipo, aptas e úteis para cada categoria de pessoas, procurando dar aquele toque de novidade e frescor que as tornam mais atraentes.

A partir dos acontecimentos alegres das pessoas e das comunidades e das ocasiões da vida cotidiana, organizam-se momentos de festa comunitária, na qual cresça o espírito de família, os ânimos se reconciliem e retomem coragem, e se redescubra a alegria de estar juntos.

Tanto para as crianças, os adolescentes e os jovens, como para as pessoas portadoras de necessidades especiais, cuidamos com particular atenção do jogo e do esporte em suas várias manifestações; pois é usado como instrumento de formação para o autocontrole e para o empenho, momento de libertação positiva das tensões interiores e meio de desenvolvimento físico.

Privilegiamos, sobretudo, os esportes e as ati-

vidades de grupo, que solicitam a colocar as próprias capacidades e a própria ação à serviço dos objetivos comuns.

#### **84. Orientação e preparação profissional**

Junto com a instrução, Pe. Luís Guanella oferece a possibilidade de aprender uma arte ou uma profissão que permita ganhar o necessário para viver com dignidade.

Esta intuição do Fundador, que mantém ainda hoje a sua validade, constitui para nós um compromisso de grande valor.

Conforme as diversas situações e as reais possibilidades, nos preocupamos em orientar e preparar os meninos e os jovens para uma profissão específica que responda às suas aptidões, e os faça capazes de desenvolverem uma atividade útil a si mesmos e à sociedade.

Respondemos a esta exigência formativa mediante atividades organizadas em nossas instituições ou encaminhando os jovens para escolas que dêem garantias de seriedade. É oferecido também às pessoas portadoras de necessidades especiais um caminho de formação profissional adequado às suas capacidades.

Para esta finalidade damos preferência à atividades que não se esgotem em simples exercícios, mas que permitam comprovar concretamente as efetivas potencialidades do indivíduo, o formem para o sentido do trabalho e o façam adquirir específicas competências profissionais.

## **85. Trabalho**

Propomos o trabalho como meio de expressão e de desenvolvimento da criatividade do indivíduo e de suas capacidades sensório motoras, momento para reforçar sua vontade e sua inteligência, ocasião de socialização e de participação na vida social.

Por isso todos, sem excluir os meninos ocupados predominantemente nos deveres da escola e do estudo, são encaminhados a se aplicarem, na medida adequada, a alguma atividade.

Também as pessoas idosas, quando suas forças o permitirem, são ocupadas em pequenas atividades que estejam ao seu alcance, que mantenham vivos seus interesses e suas habilidades operativas, contribuindo assim à manutenção de sua serenidade e vitalidade interior.

Na educação das pessoas portadoras de neces-

sidades especiais, sem omitir trabalhos domésticos, entre as múltiplas atividades a oferecer-lhes, se preferem as de fácil execução e, ao mesmo tempo, ricas de estímulos para a personalidade do indivíduo. Onde é possível, privilegia-se, segundo o convite do Fundador, o trabalho em contato com a natureza.

## **86. Educação afetiva**

A pessoa humana, feita à semelhança de Deus, que é amor, é um ser que ama e tem necessidade de amor: os sentimentos e as emoções são sua vida e sua maior riqueza interior, sobretudo quando as faculdades físicas e intelectuais são limitadas.

Convictos de que todas as pessoas, mesmo aquelas marcadas por deficiências psicofísicas ou pela pobreza social, possuem uma grande potencialidade de amor, visamos ao maior desenvolvimento possível de suas capacidades afetivas e procuramos torná-las capazes de submeter à guia da consciência o mundo sentimental e emotivo.

Nossa proposta educativa se traduz, em particular, em ajudar cada um a superar os próprios medos e egoísmos, para abrir o coração aos ou-

tros e construir relações amistosas, sinceras e estáveis, nas quais cada um é capaz de doar o próprio afeto e de receber com alegria e gratidão o afeto dos outros.

Para este fim guiamos as pessoas para a gestão e resolução positivas dos conflitos interiores e para o autocontrole das emoções, dos impulsos e das reações. Formamo-las sobretudo para a verdadeira partilha e para a doação gratuita e generosa de si mesmas, segundo o próprio estado, e no cumprimento da própria missão, de modo que toda a vida seja fundada e investida no amor.

## **87. Educação sexual**

A educação afetiva está estritamente coligada com a educação sexual.

Nosso compromisso educativo nesta área da personalidade é guiar os indivíduos a aceitarem a sexualidade própria e alheia, como um elemento positivo que caracteriza toda a pessoa, e a colocá-la à serviço do amor segundo o próprio estado de vida.

Educamos, portanto, as pessoas a se expressarem na vida cotidiana segundo as características típicas da própria feminilidade ou masculinidade

e a se relacionarem com o outro sexo, não com espírito de domínio ou sentido de inferioridade, mas com a consciência da igual dignidade, no respeito de suas peculiaridades e na valorização da complementaridade das diferenças sexuais.

Ajudamo-las também a canalizar a pulsão sexual na área afetiva, a sublimá-la na dedicação de si para o bem do próximo, como também a apreciar e a viver a castidade segundo o próprio estado de vida, como meio que desenvolve a capacidade de amar e liberta a sexualidade do egoísmo.

Tendo em consideração a fragilidade humana, as sustentamos para que, mediante um caminho de ascese e com a força da graça de Deus, saibam disciplinar os impulsos sexuais, recusar modelos culturais permissivistas, contrários ao plano de Deus, e seguir as indicações do Magistério da Igreja, que são vinculantes para nós e também para todos aqueles que colaboram conosco na ação educativa.

## **88. Educação social**

“O homem - afirma o Pe. Luís Guanella - é um ser sociável e tem necessidade de derramar seu coração no coração dos irmãos, para sentir sua

voz, seus afetos e suas palavras”.

A fim de educar para a sociabilidade, guiamos as pessoas que nos são confiadas a procurar de boa vontade a relação com os outros e a comunicar com eles de modo autêntico, sem máscaras ou hipocrisias, e em espírito de fraternidade e de serviço, que recusa toda atitude e comportamento de domínio.

Para esta finalidade formamos as pessoas para a aceitação cordial dos outros, especialmente dos menos dotados no plano psicofísico, e ao respeito de sua mentalidade e de seu estilo de vida.

Cultivamos sobretudo a capacidade de diálogo com os outros, não obstante as diferenças de idade e cultura, e de inserção ativa em contextos e grupos sócio-culturais distintos.

Além da comunicação, as educamos também para a aquisição, sempre maior, de uma mentalidade social, na qual sejam vivos o sentido de pertença ao próprio grupo e o espírito de fraternidade universal.

Enfim, estimulamos cada um a participar ativamente da vida do grupo e da comunidade eclesial e civil onde vive, a fazer próprios os seus problemas, os projetos e as iniciativas, e, segundo o papel e as capacidades, a colocar-se a serviço

de seu crescimento material, moral e espiritual.

## **89. Educação vocacional**

A convicção fundamental da qual partimos é que toda vida é originariamente vocação, e que cada um é chamado a descobrir e a realizar, no decorrer de sua existência, o desígnio de Deus sobre si mesmo. Com efeito, só assim pode alcançar sua maturidade humana e cristã.

Em geral, nos propomos ajudar as pessoas, tanto a viver a vida cotidiana como um chamado, quanto a dar-se um projeto de vida baseado na vontade de Deus.

Procuramos, em particular, sustentá-las na busca e na escolha livre daquele estado de vida e daquele papel na sociedade e na Igreja, ao qual se sentem chamadas, e para o qual possuem aptidões e capacidades.

Convencidos de que todos, também as pessoas deficientes, têm direito a esta escolha livre e que nenhum estado de vida e nenhum papel social devem ser excluídos a priori e por razões extrínsecas, nos propomos ajudar cada um a superar eventuais dificuldades sociais e a percorrer com coragem e com alegria o caminho da própria vo-

cação específica.

Guiamo-lo à descoberta das próprias inclinações, à escuta atenta das chamadas de Deus e ao discernimento das indicações da Providência nas vicissitudes e encontros ordinários e extraordinários.

Preparamo-lo, além disso, a tomar consciência dos deveres e compromissos conexos com um específico estado de vida e um preciso papel, a assumi-los e cumpri-los com responsabilidade, com generosidade e com a consciência de que a vocação humana fundamental é o amor.

## **90. Educação moral**

Com a educação moral, pretendemos conduzir as pessoas a assimilarem os verdadeiros valores da vida humana, e a eles conformar os próprios pensamentos, afetos e ações.

Acompanhamo-las, portanto, em um caminho de busca e acolhida das grandes verdades sobre a vida, sobre a sociedade e sobre o mundo, segundo o desígnio de Deus; ao mesmo tempo, as guiamos a compreender e a interiorizar os critérios de juízo e os princípios de comportamento que deles derivam, assumindo-os livremente como ponto de

referência e guia do próprio pensar, sentir e agir.

Procuramos suscitar o amor e o gosto pelos valores, enquanto são intimamente ligados com a dignidade do ser humano, com suas expectativas e seus destinos supremos, e dão sentido e preciosidade à vida, mesmo quando é marcada fortemente pelo sofrimento físico e moral.

Ajudamo-las a formarem uma consciência reta, plasmada pelo contínuo diálogo com o profundo do próprio ser e pela busca sincera da verdade e do bem.

Encorajamo-las, pois, a traduzir os valores em escolhas concretas e em específicos comportamentos, porque só a este ponto a vida de um indivíduo se torna moral, isto é, conforme à sua dignidade.

Para este fim as estimulamos a cultivar as motivações interiores, a verificar a vida cotidiana com os princípios éticos, a fazer experiência, também nas pequenas coisas, de sua força promotora e a fortificar a própria vontade, valorizando tanto as mediações humanas como os meios da graça divina.

Nesta proposta educativa, procuramos propor, com convicção e sem nunca nos cansarmos, os valores morais, especialmente os característicos

do carisma guanelliano, como a bondade de coração, a solidariedade, o serviço, a gratuidade e o perdão.

## **91. Formação religiosa**

A integralidade da educação exige também a formação religiosa, já que todos têm o direito de conhecer a Deus e fazer experiência de seu amor.

Conduzimos, portanto, as pessoas à jubilosa descoberta da presença de Deus em nós, na história e na realidade criada e à compreensão das coisas maravilhosas que Ele cumpriu e cumpre mediante Jesus Cristo para a salvação da humanidade.

Deste modo procuramos conduzi-las a perceber o quanto Deus amou e ama a todos como Pai e suscitar em seu coração uma resposta de fé e de amor, que se traduza em confiança cada vez maior nEle e em adesão sempre maior às suas propostas.

Ao mesmo tempo, as educamos a permear desta experiência de Deus e de sua Palavra as atitudes interiores, os comportamentos, os pensamentos e as palavras, para que toda sua existência se torne um Evangelho encarnado.

Além disso, formamo-las para celebrar e anunciar sua fé e para testemunhar o amor misericordioso de Deus com sentimentos e gestos de amor e de serviço para com o próximo.

Para essa formação religiosa, nos servimos dos meios propostos pela Igreja e indicados pelo Fundador.

Em particular, com metodologias adequadas às várias categorias de pessoas e segundo a capacidade receptiva de cada um, oferecemos a todos uma instrução catequética fortemente enraizada na Sagrada Escritura e no Magistério da Igreja, servindo-nos muito de sinais e imagens.

Cuidamos, então, que a oração seja freqüente, filial e animada pelo canto e por gestos que facilitem o encontro com Deus e envolvam toda a pessoa.

Reservamos uma atenção especial aos Sacramentos, sobretudo à Eucaristia, sol que ilumina e faz frutificar a terra; esforçamo-nos para que sejam celebrados com cuidadosa preparação e com fé viva, e a eles todos sejam admitidos e convidados a recebê-los com freqüência.

## *Capítulo segundo*

### CENTROS PASTORAIS

## **92. Enviados pela Igreja**

Esta parte do documento se refere ao ministério pastoral (catequese, pregação, celebração dos sacramentos, serviço caritativo, etc.) que exercitamos por mandato e em nome da Igreja nos nossos centros pastorais e educativos-assistenciais ou em ajuda à Igreja local e particular.

Fazemos nossos, portanto, os objetivos, as orientações e os critérios da ação pastoral da Igreja, e a eles unimos a riqueza do nosso carisma.

### *a) Objetivos*

## **93. Relação filial com Deus**

Em virtude da graça que nos foi dada pelo Espírito, na educação para a fé privilegiamos um roteiro onde Deus é percebido e amado como Pai e nós somos convidados a viver com Ele uma relação filial, que se faz oração confiante e imitação de seu amor misericordioso para com todos, especialmente para com os mais fracos e necessita-

dos.

Na vivência desta relação filial, convidamos as pessoas a se inspirarem em Jesus, suprema revelação da benevolência e misericórdia do Pai, irmão maior e guia seguro, que nos acompanha em nossa peregrinação para Ele e nos propõe conformar a nossa vida a seu Evangelho de caridade.

Como também as guiamos a reconhecer na Virgem Maria a ternura do Pai e a aprender de seus exemplos a solicitude para com quem encontra-se em necessidade, testemunhando assim a experiência de seu cuidado maternal.

#### **94. Amor misericordioso e operativo para com o próximo**

Em nossa ação pastoral é forte a preocupação que o amor evangélico pelo próximo, assim como nos é proposto por Jesus, Bom Pastor e Bom Samaritano, seja constantemente anunciado e vivido.

Estimulam-se as pessoas antes de tudo a darem lugar ao próximo no próprio coração, particularmente àquele necessitado, com uma atitude de benevolência que impele a não julgá-lo, mas a entender sua situação e a socorrê-lo.

Já que o amor evangélico é dom de si aos outros, convidamos a todos a se comprometerem, segundo as próprias capacidades e as possibilidades oferecidas pelo ambiente, com gestos concretos de solidariedade e promoção, mesmo quando comportam sacrifício pessoal.

Enfim, convida-se a todos a inserirem toda relação em um contexto de grande respeito para com todos, de cortesia, simplicidade e sinceridade, enriquecendo, porém, estas qualidades com aquele calor humano que dá a marca da familiaridade querida pelo Pe. Luís Guanella.

## **95. Comunidade que evangeliza pela caridade**

Educamos as comunidades cristãs, confiadas ao nosso cuidado pastoral, a se tornarem sujeito ativo de caridade, assumindo pessoalmente a tarefa de testemunhar o amor do Pai pelos homens, com uma predileção especial pelos pobres.

Cultivamos nelas, portanto, uma sensibilidade especial para com as necessidades materiais, morais e espirituais do ambiente e para uma abertura aos grandes problemas da humanidade e nos preocupamos para que se empenhem em dar-lhes uma resposta com iniciativas corajosas.

Estimulamos as comunidades, e em particular as famílias, a se tornarem lugares de acolhida para quem não tem casa, para quem não tem família e para quem tem necessidade de um ambiente familiar adequado a responder a suas fundamentais necessidades existenciais e educativas.

Convidamo-las também a sensibilizar as outras comunidades e famílias cristãs para a atenção, à acolhida e ao serviço dos mais pobres.

Convictos, porém, de que a evangelização pede que se introduza no tecido social a mentalidade do Evangelho e que se modifiquem, lá onde houver necessidade, os critérios de juízo e os modelos de vida, solicitamos as nossas comunidades a se fazerem presentes nos grupos e nos organismos sociais, para fazerem crescer o sentido da solidariedade humana e cristã.

## ***b) Critérios***

### **96. Pastoral de conjunto**

No desempenho da ação pastoral, nos preocupamos em envolver cada indivíduo e toda a comunidade, tanto na elaboração dos projetos, como nas decisões e na execução de quanto é estabele-

cido; para que cada um, segundo os dons da natureza e da graça, dê sua contribuição à obra de evangelização e de promoção humana.

Para esta finalidade solicitamos um empenho cada vez maior por parte de todos, tornando-os conscientes de seu dever batismal; procuramos também atuar uma clara e eficaz distribuição das responsabilidades e das tarefas, confiando os vários ministérios segundo os carismas de cada um.

Com a consciência, sempre mais viva, de servir à única missão da Igreja, temos em grande consideração sintonizar nossos programas pastorais com os da Igreja local e particular, manter intenso o diálogo com outras comunidades de fé e reunir nossas energias para a realização de tais programas.

## **97. Atenção privilegiada pelos últimos**

Seguindo o exemplo de Jesus, queremos dar sistematicamente um lugar privilegiado aos últimos, inclusive aqueles dos quais não se pode esperar nenhuma contribuição para a organização e para as atividades da comunidade.

Superando a tentação de destinar para eles o tempo e as energias que sobram, colocamos, nos

projetos pastorais, sua formação humana e cristã entre as tarefas prioritárias, investindo adequados recursos materiais e morais.

Temos o cuidado de integrá-los, com direitos iguais aos outros, no caminho da vida de toda a comunidade, ainda que reservando para eles momentos e meios particulares.

Esforçamo-nos, nas várias manifestações da pastoral, em ter constantemente presente suas exigências e em procurar que participem ativamente delas, para fazer com que se sintam assim membros de uma mesma família.

## **98. Pastoral dirigida a todos**

Nosso ministério pastoral, à semelhança do amor do Pai, abrange não somente os fiéis católicos praticantes, mas também quem vive longe da fé, quem não é católico ou nem sequer é cristão.

Está aberto, em particular, aos vários grupos e movimentos cristãos. Recebe-os e reconhece-os como manifestação da multiplicidade dos carismas da Igreja e a cada um dedica os cuidados necessários, para que colabore, do melhor modo possível, à edificação do Reino de Deus.

Dá lugar, além disso, aos grupos e movimentos

não cristãos que trabalham sinceramente pela autêntica promoção do homem, reconhecendo neles a livre iniciativa do Espírito que também atua fora dos confins da Igreja.

No desenvolvimento das várias atividades pastorais, nos esforçamos em usar formas simples, ricas em sinais, que falem ao coração de todos, além da mente, e comprometam toda a pessoa, para que cada um, segundo as próprias capacidades, possa mais facilmente abrir-se e acolher a graça de Deus.

### *c) Linhas de ação*

#### **99. Em ordem ao crescimento da fé**

Entre os instrumentos pastorais indicados pelo magistério e pela tradição da Igreja, privilegiamos aqueles que mais correspondem ao nosso carisma e são sugeridos pelo Fundador.

A Palavra de Deus é guia para cada um e para toda a comunidade.

A catequese, como a pregação, é freqüente e bem preparada, simples e rica de exemplos, dirigida a todos, mas também diferenciada, segundo as várias categorias de pessoas.

A liturgia é vivida como a fonte e o cume de toda a vida da comunidade; a celebração dos sacramentos é freqüente, bem preparada e vivamente participada.

A Eucaristia é celebrada e vivida como centro da existência: sol que ilumina, aquece e faz frutificar, pão de vida que nos é doado cotidianamente, presença real de Cristo no meio dos seus.

A oração de louvor e de súplica eleva-se continuamente ao Pai na comunidade: realizam-se freqüentes e familiares encontros de oração, e se faz especialmente o apostolado da oração.

Cultiva-se uma devoção particular à Virgem Maria, venerada e invocada como Mãe da Divina Providência, à São José e aos santos da caridade; mantém-se vivas as várias expressões de religiosidade popular, tendo cuidado que sejam autênticas manifestações de fé e que ajudem a viver a centralidade do mistério de Cristo.

Procura-se atuar iniciativas adequadas de promoção vocacional, que levem cada um a descobrir os planos de Deus sobre si e a responder-lhes com generosidade.

Empenhamo-nos, lá onde se notam os germes da vocação religiosa e sacerdotal, a fazer uma proposta explícita de consagração total e a ofere-

cer ajuda para um caminho de discernimento e de amadurecimento de uma resposta convicta.

## **100. Em ordem ao crescimento humano**

Juntamente com as atividades espirituais, a nossa atividade pastoral cuida também das necessidades morais e materiais do povo confiado aos nossos cuidados.

Interessamo-nos da instrução das várias categorias de pessoas e da sua formação profissional, sustentando ou iniciando atividades adequadas.

Preocupamo-nos das condições higiênicas e sanitárias da comunidade.

Prestamos atendimento aos pobres, aos doentes, a quem está em estado de abandono e de marginalização, com um serviço cuidadoso que sabe, quando necessário, descobrir respostas imediatas, segundo as necessidades urgentes.

Criamos, na medida do possível, e mantemos vivaz e jubiloso, um lugar de encontro e de crescimento para meninos e jovens, no qual o lazer, a instrução, a catequese e a oração constituem momentos diferentes de um único projeto formativo.

## ***B. PROMOÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS SOLIDÁRIA E FRATERNA***

### *Capítulo terceiro*

#### CAMINHO PARA A DIFUSÃO DA CARIDADE E A EDIFICAÇÃO DA COMUNHÃO

##### ***a) Objetivos***

#### **101. Promoção da solidariedade evangélica**

Em um mundo marcado por atitudes de fechamentos egoístas e de indiferenças diante do sofrimento material e moral de pessoas e de povos inteiros, e enquanto vai se aprofundando o sulco entre povos ricos e povos pobres, pretendemos trabalhar para que entre as pessoas e entre os povos se instaurem atitudes e comportamentos recíprocos de abertura e de ajuda.

Com isso, queremos significar um duplo compromisso: favorecer o crescimento de uma mentalidade e de um clima social de respeito e de acolhida das pessoas e dos povos em situação de pobreza moral e material; fazer crescer a vontade de interessar-se pela sua causa e de atuar respostas

eficazes.

Impelidos pelo nosso carisma de caridade, vimos suscitar uma sensibilidade social de atenção e de solicitude para com os pobres, assim como numa família se dedica amor e cuidados especiais para com quem sofre ou é mais fraco.

Visto que, como ensina o Evangelho, a verdadeira solidariedade vive de gratuidade, de perdão e de reconciliação e se traduz em gestos de serviço e de acolhida, educamos as pessoas a estes valores e a se tornarem disponíveis para ajudarem a todos os que, por qualquer motivo, se encontrem em estado de necessidade, independentemente de sua proveniência cultural e racial.

Segundo as ocasiões e os meios à nossa disposição, nos propomos sacudir, da passividade e da indiferença, as consciências e as instituições, para movê-las ao reconhecimento efetivo da dignidade e dos direitos dos pobres, estimulando-as e, se necessário, obrigando-as a elaborar leis e programas eficazes em seu favor. E as solicitamos a pôr a sua disposição não os recursos que sobram, mas a oferecer-lhes a possibilidade de realmente terem acesso aos bens econômicos, morais e espirituais necessários e úteis para uma existência verdadeiramente digna da pessoa humana.

## **102. Defesa da vida**

Este compromisso nos é exigido não somente pelo nosso carisma, que nos põe a serviço da vida frágil e indefesa, mas também pelos pobres, cuja existência é ameaçada material ou moralmente, e pela Igreja que, com todos os homens e com todas as mulheres de boa vontade, está preocupada pelos ataques maciços e sistemáticos contra a vida humana.

Pretendemos defender a vida humana em sua integridade, como vida natural e sobrenatural, destinada a transcender os confins desta terra, para alcançar seu pleno desenvolvimento na comunhão com Deus.

Esforçamo-nos, antes de tudo, para manter viva em nós e nos outros, a partir das pessoas que nos são confiadas, a consciência do valor da vida.

Com a mesma determinação, procuramos sustentar o papel e a missão educativa da família, berço e santuário da vida.

Para contrastar os fenômenos e os modelos culturais que são um claro desprezo da vida humana, como a manipulação genética, a legalização do aborto, a eutanásia, a violência e o seqüestro de

peças, damos impulso a uma cultura que afirme e defenda o valor sacro e inviolável da vida humana, desde sua concepção até seu término natural, em cada fase de seu desenvolvimento e em toda sua condição.

Procuramos, ao mesmo tempo, sensibilizar os organismos sociais, para que promovam o respeito de toda vida humana, sadia ou enferma, e a qualidade de uma existência plenamente digna da pessoa humana.

Apoiamos, enfim, os movimentos e os grupos que trabalham pela paz, por uma justa distribuição dos recursos materiais e pelo respeito da natureza, como condições para um pleno desenvolvimento da vida humana, naquelas iniciativas que promovem uma cultura evangélica da vida e que estão de acordo com as orientações da Igreja.

### **103. Promoção da cultura da caridade**

Com a promoção da cultura da caridade, pretendemos contribuir para formar o pensar, o sentir e o agir das pessoas e dos povos, para que todas as manifestações da cultura, desde a filosofia até à arte, desde a legislação até aos costumes sociais, sejam inspiradas no amor, desenvolvam a solidari-

idade para com quem está em desvantagem e favoreçam o encontro entre as pessoas e entre os povos.

Comprometemo-nos, portanto, a difundir mensagens, critérios de juízo e modelos de comportamento que exaltem estes valores e se oponham a tudo o que os sufoca.

Procuramos, pois, defender, mediante a cultura, a dignidade e os direitos dos pobres. Para este fim nos movemos em diversas direções: fazemos conhecer as riquezas morais e espirituais das quais são portadores; sustentamos seu direito ao desenvolvimento integral e aos bens da sociedade; denunciemos com firmeza as situações de injustiça e de marginalização, as causas e os mecanismos que privam pessoas, grupos e povos inteiros dos meios necessários para uma existência digna.

Queremos também, através da cultura, fazer amadurecer a consciência social de que a promoção das pessoas portadoras de necessidades especiais é um dever de justiça, além que de amor, e que uma sociedade é verdadeiramente civilizada somente quando cuida também dos últimos.

Nos dedicamos, enfim, a difundir mentalidades e modelos de vida portadores de paz, de reconciliação, de respeito mútuo e de estima recíproca.

## **104. Elevação social e moral do povo**

Diante da situação de pobreza moral e social na qual se encontram inteiras multidões, pretendemos contribuir para a defesa de sua dignidade e dos valores culturais e religiosos que teceram sua história e fizeram delas um povo.

Segundo o nosso carisma, e na medida de nossas energias, nos unimos aos seus esforços de liberdade e de crescimento para uma mais efetiva solidariedade e comunhão.

Enquanto cuidamos de modo especial aos mais fracos, estamos muito atentos em manter viva e reforçar no povo a consciência de sua identidade humana, social e cristã.

Empenhamo-nos, além disso, a oferecer ambientes, a atuar iniciativas e a sugerir métodos que favoreçam o encontro entre as pessoas e os grupos, criem vínculos e suscitem a vontade de construir juntos o bem comum.

### ***b) Critérios específicos***

## **105. Prioridade na formação das consciências**

Convictos de que o caminho para um mundo mais fraterno e solidário parte de uma renovação interior das pessoas, nos preocupamos em colocar em primeiro lugar a formação das consciências e em tornar formativa toda a nossa atividade.

Propomo-nos, portanto, conduzir as pessoas a assumirem critérios de julgamento, linhas de pensamento e modelos de vida inspirados no amor fraterno e universal, e no respeito de toda vida humana, sobretudo se for débil e indefesa.

Procuramos tornar sensíveis às necessidades do próximo em dificuldade aqueles que trabalham conosco, fazer emergir neles a vontade de concretizar, na vida cotidiana, a solidariedade para com quem sofre, a partir de quem está perto de nós, e suscitar neles o desejo de paz e de fraternidade universal.

Também a respeito da sociedade, o nosso compromisso é de contribuir para a formação de uma consciência coletiva sensível aos problemas das pessoas deficientes e decidida na vontade de construir a “civilização do amor”.

## **106. Valorizar os encontros e os gestos cotidianos**

Sem omitir a possibilidade de atuar iniciativas particulares, escolhemos o método de fazer crescer a solidariedade e a fraternidade nos encontros e nos gestos da vida cotidiana.

Antes de comprometer os outros nesta tarefa, procuramos, antes de tudo, permear de cordialidade e de amizade as nossas relações com todos aqueles com os quais estamos em contato e fazer passar, através do gesto e da palavra, uma mensagem de bondade e de serenidade.

Empenhamo-nos, pois, a formar as pessoas para que vivam a solidariedade e a fraternidade, não só nas grandes ocasiões de alegria ou de dor, e não somente com quem se encontra em estado de necessidade ou de sofrimento, mas também na vida de cada dia, com aqueles que encontramos e com os membros da família e do grupo de pertença.

Enfim, encorajamos aqueles que vivem ou trabalham conosco e todos os que a Providência põe em nosso caminho, a valorizarem as ocasiões que a vida nos oferece cotidianamente, para sermos em toda parte e sempre portadores de amor e de paz.

## **107. procurar sempre o que une**

Baseados neste princípio, pretendemos atuar

com a vontade de descobrir o bem presente nos outros e encontrar nele motivo de encontro e de unidade.

Com efeito, cremos que existam em toda parte corações bons e que em toda pessoa e em todo povo estão presentes grandes valores morais e espirituais. Estamos também convencidos de que nas diferenças existem muitos valores em comum, tanto em nível do que se crê, como em nível do que se vive.

Esforçamo-nos, portanto, em ter os olhos prontos para ver e o coração disponível para acolher, em toda sua amplitude, o positivo das pessoas e das culturas, das situações e dos acontecimentos, resistindo à tentação de deixar-nos bloquear pela negatividade.

Procuramos, pois, fazer emergir e apreciar os valores comuns como pontos de encontro e torná-los o ponto de partida, tanto no projetar e fazer educação, como no trabalhar para a difusão da caridade e a edificação da comunhão.

### *c) Linhas de ação*

#### **108. Testemunho legível do nosso serviço**

Um serviço bem feito para com as pessoas necessitadas já é uma mensagem capaz de sacudir a consciência da sociedade e estimulá-la a traduzir o espírito de solidariedade em gestos de autêntica promoção.

Assim também, o testemunho de comunidades educativas, que vivem e atuam na concórdia, ainda que estejam presentes nelas diferentes mentalidades e culturas, é o primeiro contributo para um mundo de paz.

Nossas instituições, portanto, devem preocupar-se em qualificar, cada vez mais, tanto o serviço educativo como sua vida, para que sejam um testemunho legível.

Para que tal testemunho seja mais compreensível, fazemos conhecer ao território onde vivemos os princípios que guiam nossas comunidades educativas, a sua atividade de promoção e o estilo com o qual é atuada.

Esta apresentação seja bem preparada e tenha em conta a mentalidade do ambiente e os meios oferecidos pela técnica atual, de modo que possam ser melhor aceitos e apreciados os valores do nosso sistema de vida e de educação.

## **109. Anúncio e envolvimento direto**

Nossa missão educativa nos estimula a ultrapassar a atividade e os problemas cotidianos para anunciar explicitamente os valores da justiça, da solidariedade, da paz e, lá onde for necessário, denunciar as situações de marginalização, os egoísmos individuais e de grupo e suas causas culturais, políticas e sociais.

Para alcançar tal objetivo, nos servimos dos Meios de Comunicação Social, veículo indispensável para a difusão da cultura da caridade e da vida, investindo apropriados recursos econômicas e energias morais que valorizem seu enorme poder educativo.

Em sintonia com o pensamento do Fundador, nos sentimos impelidos a constituir centros de cultura popular que ajudem a compreensão dos problemas da pobreza e dos mecanismos a ela relacionados.

Propomo-nos também atuar várias iniciativas que criem progressivamente uma mentalidade de diálogo e de solidariedade, como ocasiões de encontro e de intercâmbio de idéias e de experiências.

Procuramos, enfim, sensibilizar quem tem responsabilidades sociais e políticas e estimular as pessoas próximas a nós, para que transmitam, no

âmbito sócio-político, o impulso da caridade e a vontade de construir uma sociedade mais solidária e fraterna.

## Quinta Parte

### ESTRUTURAS EDUCATIVAS

#### *Capítulo primeiro*

#### CRITÉRIOS GERAIS

### **110. Promoção das pessoas e da cultura pedagógica**

Todas as nossas instituições pretendem ser não só um lugar onde se desenvolve uma atividade educativa em favor das pessoas, mas também um lugar onde se procura promover uma sadia cultura pedagógica, dando uma contribuição específica sobre os temas relativos aos destinatários de seu serviço.

Isto é feito através da organização de momentos de reflexão, de estudo e de aprofundamento, oferecendo uma válida documentação, com arquivo e biblioteca, e difundindo uma oportuna informação, também através de peritos de comprovada competência.

Além disso, segundo suas possibilidades e com o consentimento da comunidade educativa, colaboram para uma séria pesquisa científica no campo biológico, psicológico e pedagógico. Pre-

ocupam-se, porém, e exigem que seja levada a cabo no respeito dos princípios éticos cristãos e dos direitos das pessoas interessadas.

A exemplo do Fundador, colocam-se também em estado de busca de metodologias educativas sempre mais adequadas, mas em conformidade com o sistema educativo guanelliano, e se esforçam em documentá-las e propô-las à sociedade.

### **111. Experiência de formação pedagógica guanelliana**

Pelo valor do nosso sistema educativo, testemunhado por mais de um século de experiência, consideramos nosso dever organizar nossas instituições de modo que sejam lugares de formação permanente no campo pedagógico.

Oferecem-se, portanto, tempos adequadamente organizados de experiência aos que desejam melhorar a própria competência educativa ou conhecer de perto a pedagogia guanelliana. Acolhem-se de boa vontade estas pessoas, procurando estabelecer com elas uma relação de confiança e de diálogo que facilite o enriquecimento recíproco.

Proporcionamo-lhes o acompanhamento necessário para que possam entender os valores

guanellianos. Para tal fim, alternam-se momentos de experiência prática e momentos de aprendizagem teórica, para tornar assim verdadeiramente formativa sua permanência entre nós.

## **112. Abertura ao ambiente**

Na fidelidade aos princípios pedagógicos guanellianos, as nossas instituições mantêm boas relações com a população, com as autoridades e com os vários organismos sociais, para assim unir os esforços para a solução dos problemas dos nossos destinatários e dar-lhes condições e meios para uma melhor qualidade de vida.

Agem respeitando a legislação local vigente, mas se comprometem a salvaguardar sempre o primado da lei de Deus e a autonomia necessária para manter a própria identidade.

Usando as formas permitidas pela sociedade, participam com espírito crítico e coragem profética da preparação e realização dos programas destinados às pessoas portadoras de necessidades especiais, para que tais programas levem verdadeiramente para sua plena elevação humana e cristã.

Segundo as próprias possibilidades e no res-

peito do projeto educativo local, colocam lugares, estruturas, recursos humanos e técnicos à serviço das exigências do ambiente no qual estão inseridos. Têm o cuidado também de valorizar plenamente os recursos presentes no próprio ambiente.

### **113. Testemunho significativo de promoção**

Conscientes do mandato educativo recebido, nossas instituições se preocupam em cuidar e melhorar a qualidade do serviço, da gestão e das estruturas, na medida permitida pelos próprios recursos humanos e econômicos.

Ao mesmo tempo, procuram canalizar tudo para o crescimento da pessoa, para que possa ser proposta estimulante para a sociedade e oferecer modelos significativos e concretizáveis de promoção humana.

Tendem para esta meta com humildade e seriedade de intenções, conscientes dos próprios limites diante da grandeza da tarefa educativa, sabendo apreciar a experiência alheia e tirar dela tudo o que pode enriquecer a própria experiência.

## *Capítulo segundo*

### CRITÉRIOS ADMINISTRATIVOS

#### **114. Acolhida e atenção às pessoas**

Em coerência com os nossos princípios educativos, as instituições guanellianas visam uma gestão acolhedora e atenta às pessoas.

Empenham-se em dar, para a condução da atividade educativa, um ritmo que saiba conciliar a seriedade do trabalho e a serenidade das relações. No respeito das tarefas que cada uma deve desempenhar, oferecem possibilidades de encontro e de escuta aos membros da comunidade educativa.

Tendem, em geral, a uma gestão flexível, capaz de adequar-se tanto aos ritmos de crescimento das pessoas e à evolução de suas necessidades, como às exigências organizativas internas e às solicitações da comunidade civil e eclesial, depois de tê-las oportunamente avaliado.

Para as pessoas de passagem, que batem em nossa porta (mendigos, estrangeiros, marginalizados em geral...) procuramos dar lugar à uma atenção cuidadosa e cordial que, na medida do possível, sabe encontrar as formas de ajuda sugeridas pelo coração.

## **115. Funcionalidade**

Na gestão de nossas obras a eficiência não deve ser procurada a todo custo; devem-se, contudo, utilizar, da melhor maneira possível, tanto os recursos como as energias aplicadas, de modo que se obtenham efetivamente os melhores resultados e seja ao mesmo tempo garantida a serenidade básica das pessoas e do ambiente.

Para tal fim, nos empenhamos a uma clara individualização de todas as necessidades tanto das pessoas como da instituição, para uma integração harmônica dos vários setores de intervenção, para uma organização ordenada dos meios e das atividades e para uma sua sábia utilização. Obter-se-á assim resultados proporcionais aos recursos investidos e evitar-se-á dispersões ou até danos.

Além disso, o trabalho educativo não deve nunca ser deixado ao acaso e à improvisação, a não ser que se trate de situações particulares de emergência. Deve-se, ao invés, elaborar os programas e as atividades formativas com suficiente antecipação e, no respeito das prioridades estabelecidas e com modalidades oportunas, proceder a uma periódica avaliação.

## **116. Unidade de gestão e de direção**

Aos dois critérios precedentes, une-se estritamente o critério da unidade, que torna eficaz a participação e exprime a consciência e a alegria de atuar juntos para o mesmo projeto.

Tudo deve desenvolver-se em sintonia com o projeto local e convergir para os objetivos fixados.

Não só a organização geral e cada atividade em particular, os programas de equipe e os de cada agente, mas também as decisões exigidas pela vida cotidiana ou por situações imprevistas, devem referir-se às orientações e às linhas operativas estabelecidas.

Conseqüentemente, cada um, superando a tentação freqüente de um estéril individualismo, subordina as próprias escolhas e atividades ao projeto comum.

Uma gestão unitária exige também que se aceitem as decisões da autoridade competente e que esta, no momento oportuno, exercite realmente seu poder de decisão.

### **117. Índole familiar, simplicidade e decoro**

Também as estruturas arquitetônicas das nossas instituições devem estar em sintonia com os princípios da pedagogia guanelliana e favorecer sua atuação.

A organização e a qualidade dos espaços refletem, na medida do possível, o ambiente familiar, para que assim, de um lado, sejam respeitadas as exigências de intimidade de cada um, e, de outro lado, seja facilitado o estar juntos e o encontro entre as pessoas.

A estrutura e a mobília dos locais sejam decorosas, para que assim manifestem o sentido de grandeza e de dignidade de toda pessoa humana, ofereçam aos indivíduos suficiente liberdade de movimento e de expressão e, ao mesmo tempo, garantam sua integridade física, de modo que cada um possa sentir-se valorizado e protegido.

Os locais, especialmente os destinados para habitação, sejam luminosos e arejados, como para suscitar a alegria de viver; evitando toda forma de luxo, sejam caracterizados pela simplicidade,

pelo decoro e pelo bom gosto e ajudem a sentir o calor familiar.

### **118. Funcionalidade e respeito pela cultura local**

Baseando-se no critério de funcionalidade, procura-se predispor todos aqueles locais e espaços, tanto internos como externos, que são necessários para o desenvolvimento da atividade educativa.

Os vários locais e espaços, na medida do possível, sejam distribuídos e se comuniquem entre si de tal modo que facilitem o acesso e se evitem inúteis deslocamentos e perda de tempo.

Tendo em consideração as dificuldades de movimento de muitos destinatários de nosso serviço, presta-se particular atenção em eliminar toda barreira arquitetônica.

As estruturas devem ser harmonizadas com o estilo arquitetônico da região e devem respeitar as normas da legislação vigente. Deve-se também levar em consideração o estilo das moradias da gente simples, mas, ao mesmo tempo, sejam projetos de uma habitação sempre mais respeitosa da dignidade humana.

No momento da elaboração do projeto, tenha-se presente, na medida do possível, tanto o progresso dos critérios e das técnicas de construção, como os novos serviços requeridos pela evolução das necessidades sociais.

### **119. Correspondência à integridade do projeto educativo**

Junto com as necessidades da vida cotidiana, as estruturas das nossas instituições devem responder, tanto à totalidade das necessidades das diversas tipologias de pessoas, como às exigências de todo o projeto educativo local, em todas as suas finalidades.

No respeito dos costumes locais, ainda que evitando o supérfluo, as nossas obras devem ser dotadas não só do estritamente necessário, mas possivelmente também dos locais e meios considerados úteis e convenientes para a instrução, a reabilitação psicofísica e o justo divertimento.

Deve ser reservado um lugar apropriado e um cuidado especial para a casa do Senhor, lugar de encontro com Ele e entre nós. Pela sua colocação no conjunto da estrutura, pelo estilo e a mobília, a Igreja deve ser sinal visível da presença de Deus Pai Providente na vida da instituição e expressar a

fé que anima toda nossa atividade.